

ANTONIO MARIA BAGGIO

O caminho de Eros

Sexualidade e amor na sociedade das imagens




Edições Loyola

Vivemos a era do consumismo, que se tornou matriz dos comportamentos de massa na sociedade das imagens. Nesta sociedade que leva o homem e a mulher a se "consumirem", é possível amar, enamorar-se? Ou as imagens sexuais veiculadas por todos os meios assumem papel determinante e redutor, fazendo desaguar o amor num mar de pornografia e inconseqüência? Antonio Maria Baggio nos repropõe essas questões e sugere que se reexamine o vínculo entre corporeidade e pessoa, para que não esqueçamos, se o soubermos, ou venhamos a conhecer o segredo de uma relação: a fundamentação do amor entre o homem e a mulher.

A exigência de totalidade não se deixa vencer pela fragmentação do cotidiano. Não devemos substituir o valor da origem pelo abuso de tudo e de todos. *O caminho de Eros* é a via unitiva do amor, que percorremos no desejo insaciado de encontrar uma beleza sempre nova, em níveis sempre mais profundos, da realidade permeada por Eros, o deus grego do amor.

ISBN 85-15-00201-9

Cód 1925

O CAMINHO DE EROS

Antonio Maria Baggio

PREMISSA

O CAMINHO DE EROS

**SEXUALIDADE E AMOR
NA SOCIEDADE DAS IMAGENS**

Tradução

ORLANDO SOARES MOREIRA



Edições Loyola

Antonio Maria Bagdikian

O CAMINHO DE EROS

SEXUALIDADE E AMOR
NA SOCIEDADE DAS IMAGENS

Título original

*La strada di eros. Sessualità e amore
nella società delle immagini*

© Città Nuova Editrice, 1988

Via degli Scipioni, 265 — 00192, Roma

ISBN 88 - 311 - 2503 - 6

Com aprovação eclesiástica

Edições Loyola

Rua 1822 n. 347

04216 — São Paulo — SP

Caixa Postal 42.335

04299 — São Paulo — SP

Tel.: (011) 914-1922

ISBN 85 - 15 - 00201 - 9

© EDIÇÕES LOYOLA, São Paulo, Brasil, 1990

PREMISSA

Este estudo se iniciou na intenção de se entender o consumismo, as razões de seu domínio, os meios pelos quais se difunde e se enraíza nas pessoas, conseguindo modificar o comportamento delas e seus cânones morais, chegando até a formar uma *nova ética social*, uma nova orientação da mentalidade comum. A primeira impressão, confirmada pela pesquisa, era a de que o consumismo desencadeasse uma geral des-responsabilização e uma menor disponibilidade (e capacidade) por parte de cada pessoa de fazer uma intervenção *pessoal* e *original* nos vários campos da existência; que ele favorecesse um certo ofuscamento ou até mesmo a superação de muitos valores tradicionais; e que, por outra parte, obstaculasse os projetos de longo prazo e os compromissos que permitem a privação e o adiamento do consumo; e que, finalmente, reduzindo de modo tendencioso o tempo humano ao ciclo imediato necessidade-satisfação, ele se apresentasse como uma manifestação de massa do niilismo.

Ao examinar as imagens das quais o consumismo se serve na sua tarefa de persuasão, constatava-se que a imagem sexual desempenhava um papel determinante: esta constatação sugeria o abandono do tema genérico do consumismo para um aprofundamento no tema mais específico do consumismo *sexual*.

O parentesco deste último com a pornografia se revelava logo muito estreito. Mais ainda, a pornografia se apresentava como uma espécie de “depósito” das imagens sexuais que o consumismo utiliza: consumismo e pornografia se fortalecem mutuamente, tendo em comum um pressuposto: o de separar a corporeidade, “o que se vê” do homem, da sua interioridade, da pessoa. Um homem privado de valores e de convicções profundas, que vive sobretudo de exterioridades e de posses efêmeras e que, portanto, se torna incapaz

de se apoiar numa moral adequadamente fundamentada, é, de fato, um ótimo comprador, ao sabor de toda e qualquer novidade supérflua.

Este pressuposto não é o único ponto em comum. Tanto o consumismo como a pornografia atacam de modo decisivo a união estável entre o homem e a mulher, a escolha recíproca e exclusiva que só chega à maturidade através do aprofundamento do nível das aparências e pela descoberta da interioridade. Neste caso, homem e mulher não se limitam mais a repetir, sem crítica, comportamentos adquiridos de fora, mas se tornam construtores da própria vida e depositários dos valores que o amor deles, pouco a pouco, faz ver. O fato, portanto, de juntar corporeidade e mundo interior, como normalmente acontece numa história de amor que perdura no tempo, acaba com a separação entre corporeidade e pessoa sobre a qual se apoiam o consumismo e a pornografia.

Mas será que vale a pena um homem e uma mulher procurarem o próprio caminho, cultivarem, ainda que com algum sacrifício, uma história de amor e não se limitarem a um código de sobrevivência do dia-a-dia? Desenvolverem uma *moral* e estabelecer um projeto de vida? Não seria mais conveniente aceitar as ligações fáceis e aparentemente isentas de problemas como as que se vêem em tantas novelas de televisão, que são um aspecto nada secundário do aparato do consumo?

Para responder a essas questões era necessário recorrer à observação social, ou seja, procurar experiências significativas. Se existissem casais que tinham conservado o amor depois de muitos anos de vida em comum, valeria a pena olhar para dentro do relacionamento deles, tentando desvendar os critérios e os meios que usaram durante a longa navegação; descobrir o segredo, se houve; e ainda, de qualquer modo, ter a ocasião de refletir sobre o amor entre um homem e uma mulher, com base em casos concretos, já que são escassos os estudos a respeito.

Por isso, em determinada parte do livro, falam alguns casais — todos pertencentes ao Movimento Famílias Novas — que contam alguns momentos de sua vida, como enfrentam os problemas, e as lições morais, filosóficas e religiosas que nascem das mais duras provas. Não são casais bons e perfeitos num mundo de maus: não faltam erros, dificuldades, dúvidas e quedas, sem os quais não teriam chegado às soluções. Digamos que as experiências desses casais, no conjunto, nos permitem esboçar um caminho ideal, um projeto de longo prazo, um plano piloto (certamente não obrigatório nem único)

no qual possa se inspirar todo e qualquer casal na livre realização do próprio projeto, que é pessoal e inimitável.

Esta pesquisa se encerra com a consciência — nascida das experiências e observações de muitos — de que numerosas e fortes são as forças que levam ao niilismo; mas que é possível também encontrar dentro de nós e no relacionamento interpessoal uma força ainda maior, capaz de dar sentido e valor à vida em comum.

Lazarillo de Tormes não era pior que os outros, mas só, à custa de muito pedregulho — como o que lhe jogou sobre a cabeça o seu patrão, no primeiro dia de trabalho — é que conseguiu vencer e sua ingenuidade natural. A serviço de um velho mendigo cego, Lazarillo aprendeu logo a gíria da profissão e os mil modos de "cavar um dinheirinho"; e é de se supor que, com a concorrência existante entre os mendigos na Espanha do século XVI, Lazarillo deve ter chegado rápido a uma consumada habilidade profissional: "Eu — lhe tinha dito o velho — não te posso dar ouro nem prata, mas expedientes para viver te farei ver muitos".¹

Pão e lingüiça freqüentavam os sonhos de todos os esfomeados da literatura: o "sonho alimentar" dominava, na época pré-industrial, a imaginação do povo que, passando periodicamente da revolta à resignação, tinha criado mitos como o país da Cucagna, um paraíso onde não existe escravidão e onde todos comem até se empanturrar.²

Privação, carestia, fome são apenas conceitos para nós que vivemos muito distantes daquilo que na Europa pré-industrial era a vida de cada dia: se bem que os que foram crianças nas primeiras décadas deste século tenham histórias para contar sobre certas cozinhas, nas casas de agricultores, onde a manjuba salgada pendia do teto sobre a mesa, e na qual cada um esfregava seu pedaço de polenta.

1. *Lazarillo de Tormes*, 1972, ed. de O. Maeri, trad. R. de V. Bodini, Turim, 1972.

2. Sobre a fome e, em geral, sobre a escassez material da Tardia Idade Média, veja-se os trabalhos de Piero Camporesi: *Il paese della fame*, Bolonha, 1970 (em particular o cap. III: "La scienza del ventre. Declino e morte di Cuccagna"); *Il pane selvaggio*, Bolonha, 1980; *Il libro del vagabondo. Lo "Speculum comestorium" de Teodoro Pini: "Il vagabondo" de Raffaele Priano e altri testi di "Furberia"*, Turim, 1980.

O SEXO TRAÍDO

Lazarillo de Tormes não era pior que os outros, mas só à custa de muito pedregulho — como o que lhe jogou sobre a cabeça o seu patrão, no primeiro dia de trabalho — é que conseguiu vencer a sua ingenuidade natural. A serviço de um velho mendigo cego, Lazarillo aprendeu logo a gíria da profissão e os mil modos de “cavar um dinheirinho”; e é de se supor que, com a concorrência existente entre os mendigos na Espanha do século XVI, Lazarillo deva ter chegado rápido a uma consumada habilidade profissional: “Eu — lhe tinha dito o velho — não te posso dar ouro nem prata, mas expedientes para viver te farei ver muitos”.¹

Pão e lingüiça freqüentavam os sonhos de todos os esfomeados da literatura: o “sonho alimentar” dominava, na época pré-industrial, a imaginação do povo que, passando periodicamente da revolta à resignação, tinha criado mitos como o país da Cucanha, um paraíso onde não existe escravidão e onde todos comem até se empanurrar.²

Privação, carestia, fome são apenas conceitos para nós que vivemos muito distantes daquilo que na Europa pré-industrial era a vida de cada dia; se bem que os que foram crianças nas primeiras décadas deste século tenham histórias para contar sobre certas cozinhas, nas casas de agricultores, onde a manjuba salgada pendia do teto sobre a mesa, e na qual cada um esfregava seu pedaço de polenta.

1. *Lazarillo de Tormes*, aos c. de O. Macrí, trad. it. de V. Bodini, Turim, 1972.

2. Sobre a fome e, em geral, sobre a escassez material da Tardia Idade Média, vejam-se os trabalhos de Piero Camporesi: *Il paese della fame*, Bolonha, 1978 (em particular o cap. III: “La scienza del ventre. Declino e morte di Cuccagna”); *Il pane selvaggio*, Bolonha, 1980; *Il libro dei vagabondi. Lo “Speculum cerretanorum” de Teseo Pini. “Il vagabondo” de Raffaele Friano e altri testi di “Furfantaria”*, Turim, 1980.

PARA VOCÊ QUE É BELA

O advento da produção industrial mudou profundamente o panorama da escassez e parece ter até acabado de vez com o problema. Começou-se a produzir muito mais do que se conseguia vender e crises denominadas de "superprodução" ou de "subconsumo" começaram a ocorrer em intervalos regulares. Do fim do século XVIII, quando teve início a revolução industrial na Inglaterra, até hoje, o mercado aberto aos produtos industriais vem se ampliando constantemente, atingindo dimensões mundiais.

Mas esse crescimento não foi simplesmente geográfico: os fatos mais importantes em relação aos bens de consumo aconteceram nos mercados do Ocidente, depois da Segunda Guerra Mundial. Vance Packard em *I persuasori occulti* descreve a situação particular dos Estados Unidos por volta de 1950: muitíssimos cidadãos tinham poder de compra pelo menos cinco vezes maior que o de dez anos antes, mas não gastavam tudo. O que aconteceria com todo aquele dinheiro guardado? Quase metade dos bens de consumo produzidos pela indústria americana não encontrava comércio imediato; quase todos tinham sua casa, carro, cozinha completa, televisão etc., tudo em ótimas condições e a contento de todos.³

A essa altura se impõe, então, no âmbito industrial, uma idéia que já circulava há vinte anos, sem conseguir desenvolver-se: recorrer à psicologia para induzir o povo a comprar coisas das quais não tinham necessidade. A máquina está quase nova? Convençamos o proprietário de que é quase velha e encontremos o modo de criar um "envelhecimento psicológico".

Um outro motivo estimula os industriais a financiarem maciçamente a aplicação da psicologia na publicidade, e explicam bem isso os imensos carrões adotados pela Chrysler. A firma, com base em uma pesquisa malconduzida entre seus clientes, tinha mudado completamente a linha de seus automóveis, reduzindo-lhes as dimensões; em dois anos, contra todas as previsões, as vendas caíram pela metade.

Os diretores da Chrysler estavam desesperados: onde estava o erro? Uma pesquisa em profundidade, de caráter psicológico, que descobrisse as motivações inconscientes do consumidor foi logo

3. V. Packard, *The Hidden Persuaders*, Nova Iorque, 1957, trad. it. *I persuasori occulti*, Turim, 1980 (1958), pp. 20-22.

encomendada e revelou que o cliente não comprava por causa dos motivos racionais que expunha ao entrevistador apressado, mas suas motivações eram mais tortuosas, escondidas, irracionais. Pela análise destas últimas razões, os psicólogos aconselharam os gerentes a voltar aos velhos modelos. Alongando seus carros em quase meio metro, a empresa conquistou imediatamente a parcela do mercado que havia perdido.⁴

Pesquisa em profundidade, análise das motivações inconscientes, experiências comportamentais... As universidades americanas são hoje grandes escritórios de consultoria para as agências de publicidade. Com que fim? O que acabamos de dizer: já que os consumidores não distinguem racionalmente os vários produtos, é necessário que se lhes forneçam motivos irracionais, mas eficazes de escolha, tocando, através da imagem do produto, uma corda escondida. Paradoxalmente, o cliente não compra, ou não compra só um produto que lhe seja útil, mas uma imagem de que se enamorou. "Vocês não devem vender calçado — aconselhava Ernest Dichter, um dos magos da nova publicidade — mas graciosos sapatinhos!"

Uma farta documentação dá razão aos publicitários: as pessoas compram imagens e a imagem que o comprador procura é a própria; vê no produto uma projeção de si mesmo, contempla-se mais bonito, mais forte, mais desejável. "O narcisismo — observa Packard — é uma doença muito comum e o cliente (o homem) é atraído, mais que por outra coisa, por si mesmo."⁵ Os publicitários, então, comecem a introduzir no produto as qualidades que o comprador prefere e reconhece em si mesmo. Ninguém comprará jamais um creme de beleza que se apresente assim: "Se você é horrorosa, use Fanghet!"; mas muitas mulheres talvez experimentem o novo creme se ele valorizar a imagem ideal que têm de si mesmas: "Para você que é bela... Fanghet!"

POR TRÁS DO ESPELHO

Um osso duro de roer para os publicitários foi o sentimento de culpa que tomava conta dos americanos quando se concediam um luxo proibido por sua tradição puritana. O habitual Dichter observou que, quanto mais as pessoas se desligavam da convicção

4. V. Packard, op. cit., pp. 17-18.

5. V. Packard, op. cit., p. 52.

religiosa tradicional, maior era o poder das mais importantes motivações de compra: o desejo de conforto, de luxo e de prestígio. Packard explica que desprender os americanos (e todos nós logo depois) da moral de origem religiosa tornou-se a meta perseguida a todo custo pela psicologia: o consumidor deveria chegar a sentir-se com a consciência tranqüila mesmo quando desse presentes caros à amante, quando gastasse sem nenhum bom senso, quando gozasse de longas férias por ano ou quando trocasse continuamente de carro.⁶

Na década de cinqüenta, propõem-se muitos tipos de consumo que, após sucessivas atualizações, contribuíram para formar o duradouro e agora mundial "sonho americano". Vance Packard se rebelava, então, em nome da "ética nacional", contra os manipuladores da publicidade: esse uso distorcido da publicidade, segundo ele, não se justificava pelo aumento da qualidade de vida e não se podia considerar moral tudo aquilo que desse prazer; além disso, a publicidade deveria ser feita com base em sólidos critérios morais, para que tivesse uma função positiva.

Essas alturas, o problema assumia proporções bem mais vastas: o estímulo ao consumo não se limitava a impor um produto inútil ou não essencial, mas chegava a ponto de fornecer uma imagem humana completa, uma personalidade construída através do consumo de uma série de produtos que sugeriam um estilo de vida. Os meios de comunicação de massa, como o rádio e os jornais e, hoje, a televisão, também eles produtos a serem vendidos, contribuem fortemente para o processo de consumo. A tradição moral religiosa, que oferecia ao consumidor critérios não-consumísticos de escolha, foi abandonada por muitos e substituída pelas imagens propostas através dos meios de comunicação. Estes indicam os novos padrões de conduta e os novos valores, e, entre as várias imagens disponíveis no mercado, o consumidor escolhe a própria identidade, ainda que sazonal, efêmera, presa à moda. O mercado oferece uma certa combinação de imagens em contínua evolução, dando ao consumidor a ilusão de crescimento, de uma evolução, de uma história da própria

6. Uma das famosas frases habituais de Dichter, referida por Packard (op. cit., p. 61) diz: "Um dos principais deveres que este conflito entre gozo e sensação de culpa põe ao técnico publicitário não é tanto o de vender o produto como o de dar autorização moral de usufruir o produto sem culpa". A este princípio continuam a obedecer todas as mensagens publicitárias que, ao apresentar um produto supérfluo, transmitem de modo explícito ou camuflado: "Tu trabalhaste e o mereces". Ernest Kichter publicou em italiano *La strategia del desiderio*, Milão, 1963 e *Gli oggetti ci comprano*, Milão, 1967.

pessoa que parece mudar com a mudança da imagem construída pelo consumo. Na realidade, porém, por trás da imagem não há nada, a pessoa desapareceu e foi reduzida às suas preferências de consumo. A pessoa humana, substancialmente, perde as características próprias; não são mais os objetos que passam a ter significado com base no uso que o homem deles faz, mas, ao contrário, é a pessoa que vive conforme o ritmo dos objetos que lhe são propostos. Essa reviravolta, essa permuta do homem e das coisas é a primeira metade do consumismo: a perda da personalidade, através do tolhimento do interesse da pessoa pelas outras pessoas, do fechamento dela em um mundo imaginário e exclusivamente seu. O consumista é um solitário.

A segunda metade é a perda do sentido da realidade. O projeto primitivo da revista *Time*, recorda Marshall McLuhan em *La sposa meccanica*, propunha exatamente isto: uma "organização completa" de notícias e de valores, uma cômoda síntese com imagens apresentada ao leitor atarefado que não tem mais tempo de se questionar ou de observar diretamente o mundo.⁷ A televisão multiplicou o poder dos mecanismos, tornando o consumidor capaz de ter em casa a imagem do mundo inteiro. Mas na lógica do consumismo é importante que ele, o consumidor, não tenha um contato profundo com o mundo, é importante que continue a se alimentar apenas de imagens a ele oferecidas. O consumismo, então, na sua essência, tende a aniquilar a pessoa e a realidade em que ela vive; conseqüentemente, podemos afirmar que é a forma contemporânea, de massa, do niilismo.

Por que se espantar se muitos consumidores não ficam abalados com as notícias de terríveis desgraças, ou se, quando muito, tudo se reduz à emoção de um momento? Noticiário e publicidade se alteram normalmente, num mesmo nível; se fornece o espetáculo, mas se pede o consumo, não uma intervenção. Os meios de comunicação prendem a atenção neles mesmos e não a direcionam para a realidade cujas imagens apresentam. Sob este ponto de vista, que importa que compremos ou não aquele produto anunciado pela televisão? Nossa vida já está bem-orientada por três ou quatro horas de televisão por dia: ainda que possamos nos manter críticos sobre o conteúdo que ela nos propõe, somos, contudo, constantemente influenciados pela telinha, pois a nossa maneira de perceber

7. M. McLuhan, *The Mechanical Bride — Folklore of Industrial man*, Nova Iorque, 1951, trad. it. *La sposa meccanica. Il folclore dell'uomo industriale*, Milão, 1984, p. 29.

os problemas se tornou televisiva. A mensagem mais importante que a televisão comunica, explicou McLuhan, é a própria televisão.⁸

O HOMEM E A IMAGEM

O consumismo, então, não consiste no fato de consumir, no bem-estar e na abundância, que são metas positivas da história; baseia-se, ao contrário, num sentimento psicológico de escassez, a despeito da superabundância material; baseia-se numa satisfação insaciável, numa necessidade propositalmente alimentada: a imagem que se compra como satisfação de uma necessidade remete sempre a novas necessidades.

O único modo de romper este círculo vicioso é recuperar as realidades que nos são tiradas pelo consumismo: nós mesmos, os outros homens, o mundo. O mecanismo de consumo orienta o egoísmo natural que existe em nós a considerar a pessoa que está a nosso lado em termos de consumo: *aqui* podemos romper o círculo, voltando-nos para o outro, a fim de *estar* com ele e não para possuí-lo. Hoje em dia, porém, muita gente esqueceu como fazer para não possuir. São necessários, por isso, grupos sociais, ainda que pequenos, que ensinem isso, que dêem testemunho dessa atitude.

É justo perguntar: que chances poderão ter pequenos grupos contra os grandes meios de comunicação? Jean-Noel Kapferer, analisando centenas de experiências, chegou à conclusão de que o poder de persuasão dos meios de comunicação aumenta quando se fala de assuntos que envolvam pouco o ouvinte; e, ao contrário, "quanto mais importante é o assunto, mais dependemos, para a formação de nossa opinião, das idéias do grupo ou das pessoas com quem nos reportamos: os amigos, um especialista no assunto, a família, o sindicato, o diretório do nosso partido político. Neste caso,

8. M. McLuhan, *Understanding Media*, Nova Iorque, 1964. Enquanto há em abundância pesquisas sociológicas e psicológicas, não parece que a inércia moral, o estímulo a não agir e não participar induzidos pelos meios de comunicação de massa em sinergia com o consumismo tenham encontrado muitos e válidos aprofundamentos, do ponto de vista filosófico e especialmente filosófico moral, nos últimos anos. Por isso, é necessário ir até as análises do cotidiano feitas pelos situacionistas dos primeiros anos da década de 60, as formulações da área contestativa sobre a "sociedade do espetáculo". *L'esprit du temps*, de Edgar Morin, é de 1962; *La société de masse et sa culture*, de Etienne Gilson, é de 1967; *La société de consommation. Ses mythes, ses structures*, de Jean Baudrillard, é de 1974.

a persuasão nos vem essencialmente através dos canais interpersonais, a comunicação entre os indivíduos".⁹

As pesquisas experimentais, como se vê, não contradizem o fato de que os meios de comunicação têm grande influência, mas revelam que a comunicação direta entre as pessoas continua a ser o meio privilegiado, aquele que o homem está mais inclinado a aceitar. A eficácia de tais meios, enfim, pode ser multiplicada ou reduzida pelo testemunho direto, favorável ou não, de cada um. Portanto, se um pequeno grupo julga ter alguma coisa a dizer, só lhe resta entrar na briga sabendo que parte de um forte apoio: o homem.

CHEGA A PÍLULA

A sedução sempre foi o argumento preferido pelos publicitários ao propor um objeto de luxo ao público feminino. Os perfumes, de modo especial, eram apresentados com a promessa de um sucesso sexual antes desconhecido: imagens de homens esvaecidos ou de qualquer modo sensibilizados pela passagem de uma mulher perfumada teriam levado as consumidoras, pensava-se, a adquirir o produto. E a coisa funcionava, no sentido de que muitas mulheres compravam um frasco do novo perfume. O difícil era lhes vender um outro, visto que, não obstante prolongadas imersões no líquido desnorteante, a maior parte das sedutoras não tinha êxito em seus propósitos.

Uma sucessão de experiências negativas como esta normalmente levava a mulher a desconfiar do perfume, independentemente da marca. As senhoras continuavam a usá-lo, mas como quem cumpre uma obrigação, sem nenhum entusiasmo pela compra.

Esta falta de vitalidade era dolorosa para os produtores nos Estados Unidos, mas a utilização da psicologia por parte dos publicitários, depois da Segunda Guerra Mundial, os ajudou. Explicava a psicologia que a mola da sedução tinha pouca eficácia. Na escolha da roupa íntima, por exemplo, a aprovação do homem não era muito levada em conta pela mulher; era mais importante para ela o parecer das outras mulheres e, sobretudo, queria se olhar com aprovação, queria, em primeiro lugar, estar contente consigo mesma.

9. J.-N. Kapferer, *Les chemins de la persuasion. Le mode d'influence des media et de la publicité sur les comportements*, trad. it. *Le vie della persuasione. L'influenza dei media e della pubblicità sul comportamento*, Turim, 1982, p. 366.

Também o homem tinha necessidade de ser encorajado: a vida cotidiana se transformava cada dia mais numa selva, sobretudo quando, voltando da guerra, ele encontrou muitas mulheres trabalhando em postos que até poucos anos atrás eram somente deles. Começa, então, a publicidade de produtos que estimulassem o comprador a ser aquilo que ele queria ser: viril, sereno, seguro de si.

Linha semelhante foi adotada por várias revistas de sucesso. Junto com a necessidade, como vimos, o narcisismo era o principal elemento que determinava a escolha do produto; o consumidor levava não somente um produto, mas uma imagem de si mesmo, da qual, como Narciso, ficava prisioneiro.

O elemento sexual na publicidade, com o abandono do tosco estilo da sedução à antiga, tornava-se determinante em todas as ofertas, com a psicologia indicando quais imagens e palavras usar como alavanca apoiada no campo sexual dos consumidores. Onipresente, mas sutil em muitos produtos, o elemento sexual se tornou, porém, sempre mais explícito em outros: qualquer produto que se vendesse, o corpo sempre sairia ganhando. O nu, milímetro por milímetro, ganhava cada vez mais espaço na execução de um preciso programa de aniquilamento da moral tradicional, principal obstáculo do consumismo. O puritano só compra aquilo que lhe é indispensável, enquanto que o consumista compra tudo aquilo que pareça enriquecer a sua imagem, ou seja, tudo o que lhe der prazer.

Papel de destaque na luta contra a moral tradicional tiveram as estatísticas de Alfred C. Kinsey, um professor de zoologia que, coordenando o trabalho de um grupo de pesquisa, sondou, através de milhares de entrevistas, os hábitos sexuais dos americanos; a década de cinquenta viu a divulgação dos vários "relatórios Kinsey".¹⁰ O excepcional interesse por esses assuntos, devido sobretudo à repressão a que estava tradicionalmente submetida a esfera sexual, fez nascer uma infinidade de publicações que as pessoas liam de um só fôlego. Tornava-se lícito falar de sexo, considerado, finalmente, como uma parte não-vergonhosa da vida.

10. A. Kinsey, W. Pomeroy, C. E. Martin, *Sexual Behavior in the Human Male*, Filadélfia, 1948, trad. it. *Il comportamento sessuale dell'uomo*, Milão, 1950. "Quebrado o gelo", os relatórios deste tipo se seguiram de então até hoje ininterruptamente, propondo ao público pesquisas de variadíssimo valor científico e geralmente caracterizadas pela ausência de elucubrações interrogativas éticas. Esta ausência de ética, paradoxalmente, parece ter conseguido fazer explodir aquelas modificações da ética social difundida que permitiu o maior desdobramento do consumismo sexual.

E como se falava de sexo? O parâmetro era o que fora dado por Kinsey: as estatísticas sugeriam a idéia de que toda a atividade sexual era normal apenas porque muitos a exerciam. Esmorecia, assim, o medo presente no homem comum de ser diferente dos outros, de se achar marginalizado por causa de uma tendência sexual (que ele tinha dominado até aquele momento) condenada pela moral e inconfessável antes de Kinsey e do clima de permissividade que o seu relatório difundiu. Nele se sustentava, por exemplo, que 90% dos jovens se masturbavam, e só por isso a masturbação se tornava aos olhos de muitos um desafogo positivo, sadio e aceitável. Mas também a cárie, observamos nós hoje, nos aflige nessa mesma proporção. Deveríamos fazer dela semelhante julgamento benévolo?

A pretensão de Kinsey era ser imparcial; a sua cientificidade consentia em dizer: eu analiso os comportamentos objetivos e não me deixo influenciar por idéias morais ou religiosas. Para construir, porém, as estatísticas, notou o sexólogo Georg Siegmund, Kinsey teve de fazer abstração do elemento individual, da personalidade, dos valores que cada um põe em jogo com a própria sexualidade.¹¹ Kinsey, prossegue McLuhan nessa mesma linha, fez uma relação de "desembocaduras" sexuais, mostrando que tinha uma noção "mecânica e excretória do sexo"; suas estatísticas premiavam quem, mesmo no campo sexual, exigia pouco de si mesmo.¹²

O historiador Ellul, analisando o fenômeno, golpeia o relatório Kinsey na parte principal de seus efeitos: "É claro que depois disso não existe mais nenhuma consciência má. E é claro que uma das metas desse relatório é eliminar a consciência má. Por nada pode o homem sentir-se obrigado a manter-se dentro de determinados limites a não ser por sua própria natureza. Por isso não deve haver nenhum escrúpulo. Isto será recebido com gratidão pelo homem médio que se sente absolvido quando faz alguma coisa que antes era tradicionalmente considerado pecado".¹³

O abandono da idéia de pecado no campo sexual era indispensável para fazer decolar um dos maiores negócios da história. Em meados da década de cinquenta, Pincus e Rock lançavam um anti-

11. G. Siegmund, *Die Natur der menschlichen Sexualität. Dritte erweiterte und verbesserte Auflage*, Würzburg, 1973, trad. it. *La natura della sessualità umana. Problemi e valutazioni di psicologia morale*, Turim, 1976, p. 11.

12. M. McLuhan, *La sposa meccanica...*, cit., p. 99.

13. J. Ellul, *Der Kinsey-Bericht und die moralische Situation unserer Zeit*, in *Universitas* 5 (1950), p. 1415 (citado por Siegmund, op. cit., p. 13).

concepcional que interrompia o processo da ovulação, garantindo uma eficácia muito superior à dos outros métodos de controle de nascimento então praticados. Assim, depois de dez anos, seis milhões de mulheres americanas usavam a pílula, resolvendo no plano da técnica, ou seja, com menor responsabilidade ("como que brincando", comenta Siegmund), um problema que habitualmente questionava o íntimo de um homem e de uma mulher, que deviam conversar, entender-se e decidir juntos. O fenômeno da pílula é complexo, apresenta muitos aspectos e não se pode liquidar assim com duas palavras. Limitamo-nos aqui a uma consideração ligada ao tema do consumismo: antes da pílula, o ato sexual tinha maiores possibilidades de envolver a pessoa toda; depois da pílula, porém, era mais fácil separar sexo da pessoa e, em consequência, o comportamento sexual se tornava mais facilmente influenciável através de modelos. Iniciava-se, assim, o consumismo sexual em larga escala que deveria, porém, superar o obstáculo de um pudor ainda comum.¹⁴

ADEUS, PUDOR

O gesto de uma pessoa que cobre a própria nudez é um convite que diz: "Olhe para dentro de mim, não pare naquilo que se pode ver de imediato, eu sou mais do que aquilo que você pode tocar". Cobrir o corpo significa querer viver a sexualidade de modo tão profundo que atinge a interioridade, a pessoa.

Ao contrário, a exibição pública da nudez é uma oferta de si como objeto de prazer, é um nivelar-se aos mil outros objetos de consumo disponíveis no mercado. Significa dizer: "A minha pessoa está toda no que vê, coincide com o meu corpo".

Na Bíblia, Adão e Eva se cobrem depois do pecado. É uma admissão de fraqueza, é a vergonha que o homem sente porque sabe que não é capaz de dominar perfeitamente o próprio corpo e pede ajuda ao pudor. Mas a consciência bíblica já indica o duplo caráter da sexualidade: o pudor, de fato, não é apenas vergonha, guarda uma interioridade que vai além da parte coberta do corpo, é "guarda do ser". Ele se manifesta justamente quando a pessoa faz dom desta intimidade a outra pessoa, e esse dom é uma escolha, um ato livre

14. Vance Packard dirigiu um estudo sobre a mudança da mentalidade e do comportamento sexual nos Estados Unidos dos anos 50 e 60 que fornece muitos elementos para a compreensão da transformação das orientações morais: *The sexual Wilderness. The Contemporary Upheaval in Male-Female Relationships*, Nova Iorque, 1968.

da pessoa, que vive a sexualidade como relação total e não se limita a "conceder" o corpo.

Este pudor está estreitamente ligado à liberdade e à responsabilidade da pessoa; é alheio tanto à vergonha obsessiva do próprio corpo — que no passado freqüentemente nascia da educação tradicional — como à exibição consumista do corpo que a substituiu. Fazer cair esse equilibrado sentido de pudor é, para o consumismo, um objetivo essencial. "No momento em que — sustenta Giorgio Campanini — tendo perdido o senso de pudor, a pessoa se oferece ao olhar dos outros em sua nua corporeidade, fica inevitavelmente sujeita a um processo de esvaziamento de si" e, portanto, é mais manipulável pelos meios de comunicação; o "si mesmo" esvaziado é enchido pelas imagens da sexualidade propostas pelo mercado.¹⁵

Prisioneiro, como Narciso, destas imagens, o consumista fica convencido que o corpo nu é a última etapa da descoberta, uma etapa imediatamente atingida, como é típico num consumo cotidiano. O conhecimento que uma pessoa tem da outra fica reduzido, como dizia um velho filme, ao "conhecimento carnal", ou seja, é desviado para um alvo errado: a corporeidade sem pessoa. Conhecer significa encontrar algo novo, mas tendo-se renunciado à interioridade da pessoa, perde-se a riqueza que, somente ela, pode desenvolver uma história e gerar o novo.

O sexo, enquanto separado da pessoa e reduzido a um consumo sexual, baseia-se também ele, como todo comportamento de consumo, numa necessidade propositalmente alimentada e, neste caso, sobre uma programada satisfação frustrada. Tal falta de satisfação depende da eliminação da pessoa na vida sexual: restam, assim, corpos orientados pelas imagens. Já que o homem e a mulher não podem se

15. G. Campanini, *Pudore*, no *Dizionario enciclopedico di teologia morale*, Roma, 1976, pp. 863-870. No seu tratado de moral B. Haering escreve: "O pudor pode ser comparado à consciência com a qual tem íntima afinidade, enquanto um e outra tendem à preservação de si..." (*La legge de Cristo*, vol. 3, trad. it., Brescia, 1964, p. 320). E Max Scheler: "É certo que o pudor não é resultante somente de uma consciência de não-valor. Todavia um estado de não-valor se encontra sempre no fato de 'se ficar vermelho por qualquer coisa'... O pudor sexual é acossamento e dissimulação do aspecto especificamente animal da nossa existência... O pudor só se explica com a consciência pessoal, a consciência individual e a consciência de valor". O pudor é uma reação emocional, explica Scheler, que se opõe à atenção quando ela toma como objeto o aspecto *menos elevado* dos valores individuais. Tal reação é "acompanhada pelo vivo desejo que o homem experimenta de ser reconhecido em seus valores superiores" (M. Scheler, *La pudeur*, Paris 1928, pp. 36-37).

dar inteiramente — e para isso foram feitos — permanecem insaciados.

Como em qualquer outro ato de consumismo, não há no ato sexual do consumista um encontro com o outro, ou seja, não há verdadeiro sexo, mas apenas uma imagem, um simulacro, um fetiche. A massa carnal se tornou o novo ídolo e o consumista nem sequer suspeita qual é a real satisfação de uma sexualidade livre vivida numa relação amorosa onde as pessoas se doam totalmente.

SEXO E AMOR

Nas últimas décadas, para concluir, o consumismo, através do impacto combinado de vários fatores, saiu ganhando ao livrar-se da moral tradicional, de inspiração fundamentalmente cristã. Há quem sustente que, a esse respeito, o cristianismo tem de que se arrepender, uma vez que desde seus primeiros anos transmitia um sentimento de medo em relação ao corpo, provavelmente como reação à devassidão dos pagãos ao lado dos quais os cristãos viviam.¹⁶ Assim, pôde o consumismo vestir a camisa de uma liberação sexual e de uma emancipação, especialmente em relação à mulher, que de fato não lhe dizem respeito.

Contudo, observam alguns teólogos, é necessário examinar como o rigorismo sexual do passado teve conseqüências negativas em relação à higiene sexual, à moral sexual e ao desenvolvimento integral da pessoa, como, aliás, em parte ocorre ainda hoje. Mas, enfim, a psicologia não ajudou apenas o consumismo selvagem, mas também nos fez entender que para se orientar o comportamento moral não se deve buscar apoio nas angústias e nas ameaças.¹⁷

Parece, portanto, necessário um aprofundamento da moral sexual que a torne capaz de competir com a força de persuasão do consumismo, através de eficaz orientação às pessoas. Mas para onde se voltar?

A tendência recente dos meios de comunicação é a de impor a imagem do *single*, o indivíduo de sucesso, homem ou mulher, não

16. B. Haering, *Sessualità* in *Dizionario...*, cit., Roma, 1976, p. 997.

17. Não se trata simplesmente de uma correção de rota na teologia favorecida pelas ciências contemporâneas, mas de uma maturação interna à teologia, de uma mais equilibrada compreensão da sexualidade no âmbito do cristianismo que se torna evidente desde o Concílio de Trento, com a aplicação também à realidade sexual da idéia de que a graça *aperfeiçoa*, e não *cancela*, a realidade natural (Denzinger-Schoenmetzer, 1799).

importa, livre de ligações estáveis. O *single* é o verdadeiro alvo dos produtos mais sofisticados, enquanto que a família é tirada do esquecimento através da publicidade dos homogeneizados.

A ligação de um casal é exaltada enquanto meio de produção do prazer, ocasião de troca de jóias, de licores e de todas as mercadorias de consumo ligadas à ternura na publicidade, mas a perduração do vínculo e a sua institucionalização no matrimônio é decisivamente desencorajada. Um tempo longo é rejeitado porque não é o tempo do consumo, cujo decurso é cotidiano. Contudo, o prazer teria necessidade de uma ligação estável, pois a satisfação pessoal é proporcional à recíproca doação das pessoas. O sexo, escreve a doutora Kaplan, "pode de fato melhorar à medida que o casal cresce em maior intimidade, já que os dois se comunicam num nível de autenticidade e encontram pontos de contato afetivos e intelectuais". Além disso, Helen Kaplan lembra que muitos psiquiatras, considerando as experiências destas últimas décadas, "tendem a considerar inibidos no amor ou tomados de um medo neurótico da intimidade as pessoas que não vivem nunca um relacionamento amoroso bem-sucedido e de longa duração".¹⁸ As pessoas mais bem-sucedidas, enfim, são aquelas que sabem doar-se.

A longa duração, o vínculo estável afloram, então, como o lugar privilegiado da personalização do sexo, onde a pessoa conta e onde cresce na serenidade de um relacionamento exclusivo com o outro, que é o "único" para ela. Não se dá, então, consumo sexual, ou seja, uso egoístico do outro, mas verdadeiro sexo, ou seja, encontro de pessoas, aventura humana vivida em conjunto.

O marquês de Sade, dois séculos atrás, não vivia uma situação diferente: jamais se perguntou o que o outro estaria sentindo, pois o sexo era para ele um fato individual, uma imposição do forte sobre o fraco. A sexualidade sádica não é uma experiência, um encontro de pessoas livres, mas uma afirmação da individualidade do algoz mediante o aniquilamento da vítima.

18. H. S. Kaplan, *Making Sense of Sex. The new facts about sex and love for young people*, trad. it. *Dare un senso al sesso. Nuovi fatti e nuove idee per i giovani*, Milão, 1982, pp. 194-196.

Cancelada a idéia de Deus, o homem sádico pode finalmente abandonar-se aos próprios impulsos, pois se tornou dono de si mesmo, isto é, dono de outros homens, visto que existem homens mais fortes que outros e, com a negação de Deus, não há mais ninguém que imponha limite à vontade de domínio deles. O eu do mais forte se torna a única realidade.¹

A raiz do individualismo sádico é, portanto, a rejeição da idéia de Deus, ou de uma idéia positiva de Humanidade ou de Natureza que, sendo a origem comum de todos os homens, lhes dê motivo de se comunicarem e de se reconhecerem próximos. É o individualismo do consumo que substitui por um "eu" distorcido, ou seja, imaginário, a realidade das pessoas que se comunicam, também na esfera sexual.

Nossa sociedade, à medida que é consumista — e, por isso, generaliza e aperfeiçoa o individualismo do consumo, transformando as pessoas em objetos — pode ser considerada uma sociedade sádica.

VOVÔ SADE

A cultura sádica domina a cena. A separação entre corporeidade e pessoa, que a caracteriza e que caracteriza as mensagens publicitárias dos meios de comunicação, serve-se de imagens fornecidas pela pornografia, o grande depósito onde o consumismo sexual se abastece.

Não é fácil, naturalmente, estabelecer o que é pornográfico e o que não é. O limite, ao pé da letra, remete ao que diz respeito à prostituição e às prostitutas (*porneia*, *pornê*). Indica, assim, a realidade sexual relacionada com uma venda, com um consumo, pondo de lado as outras dimensões humanas da sexualidade, isto é, separando da pessoa o uso do corpo. A pornografia, nesta significação geral coincide, substancialmente, com o consumismo sexual.

Que imagens, portanto, a pornografia fornece ao consumo sexual? Antes de mais nada, ela põe no mesmo plano as relações entre pessoas de sexo diferente e pessoas do mesmo sexo; se um indivíduo quiser se relacionar com um homem e com uma mulher, por que

1. Estes conceitos são continuamente repetidos ao longo de toda a obra de Sade. Para uma leitura de Sade livre das partes "sádicas" inutilmente repetitivas, vejam-se as *Opere scelte*, com a interessante introdução e aos cuidados de G. P. Brega, Milão, 1962. Vincenzo Barba preparou com cuidado *Interpretazioni di Sade*, Roma, 1979, com ampla bibliografia.

não poderia fazê-lo? Isso está na possibilidade mecânica de seu corpo e a pornografia considera essa plena utilização mecânica como uma ampliação da experiência. Por outro lado, a homossexualidade pode ser ridicularizada, desprezada e marginalizada pela crônica pornográfica para ir ao encontro do gosto virilista do leitor, que pode considerar o homossexual como alguém sobre quem fazer valer a própria superioridade de "verdadeiro homem".

Em ambos os casos, quer a homossexualidade seja considerada normal, quer seja ridicularizada, não se resolvem problemas, não se pergunta sobre as razões profundas do fenômeno, mas se usa o mesmo para se divulgar grosseiras certezas, reforçando no leitor, conforme o caso, a indiferença pelos papéis sexuais, uma tendência homossexual latente, ou uma tendência à violência contra os "invertidos". Beiram a pornografia sobre esse assunto também aqueles periódicos de atualidades ou femininos que falam do assunto, não para entender os problemas e procurar uma resposta, mas simplesmente para debater um tema de moda; o artigo que não explica, apenas provoca, é pornográfico porque não respeita a pessoa.

O cancelamento de toda distinção dos papéis masculino e feminino leva a uma outra imagem freqüente da pornografia: o "amor grupal". Não existe mais essa história de amor entre um homem e uma mulher: a variedade da vida e da experiência é substituída pela arte das combinações e o ato sexual não tem mais nenhuma finalidade além do prazer imediato, que nós, ao contrário, com base na experiência e na realidade, sabemos ser apenas um aspecto da satisfação que caracteriza uma relação madura entre duas pessoas. A pornografia evita qualquer referência às escolhas e responsabilidades que acompanham a vida sexual e consegue isso equiparando a atividade sexual a uma necessidade corporal qualquer; conseqüentemente não se pode limitá-lo nem fugir dele. Uma tal concepção do ato sexual como necessidade natural, sem nenhuma referência à livre escolha da pessoa, poderá ser o fundamento que justifique a violência sexual.

A mesma concepção está presente também em revistas para mocinhas que, também, não podem certamente ser classificadas como pornográficas: "Deve-se" ter relações para estar na moda. Também aqui, conforme cada publicação, trata-se de uso oposto ao bom senso. Numa carta à revista *Dolly*, por exemplo, uma jovencinha explicava que ela e seu namorado tinham dificuldades em completar uma relação física. A resposta foi sensata: talvez seja o caso de esperar o momento certo, e as dificuldades são provavelmente um sinal de

que vocês dois não estejam prontos para uma coisa tão comprometedora. Carta semelhante à revista *Debby* tem uma resposta contrária: não conseguiram? Não percam a coragem, basta tentar de novo!

Enfim, há um grande estímulo, quase como se fosse uma obrigação, à sexualidade genital exibida cruamente pela pornografia, mas que se encontra também presente mais ou menos explicitamente nas publicações oficialmente não-pornográficas.

NAS BANCAS

Uma pesquisa sobre o consumismo na pornografia que retrata a situação italiana na segunda metade da década de 70, mas que podemos considerar válida ainda hoje, já que não houve queda substancial no consumo, informa que um homem em cada cinco vê habitualmente material pornográfico e que só quatro mulheres em cada cem têm acesso com muita frequência à pornografia.² Estas cifras são muito provavelmente inferiores à realidade quando se sabe que Stefano Surace, um jornalista testa-de-ferro que em meados da década de 70 assinava como diretor responsável quase todas as publicações pornográficas italianas, declarou que, em 1975, vendiam-se quatro milhões de cópias por mês. Pode-se supor, conseqüentemente, embora não se possa jurar sobre nenhuma cifra, que a maioria dos adultos entre em contato, ao menos ocasionalmente, com a pornografia.³

A pesquisa italiana, considerando-se as faixas de idade mais baixas, conclui que, de fato, 80% dos rapazes e 50% das moças estão em contato não-ocasional com material pornográfico. É um percentual elevado, ainda que não se mostrem as diferenças existentes entre os diversos ambientes.

Na falta, em geral, de um razoável programa de educação sexual nas escolas e supondo que dificilmente tal educação seja recebida de maneira satisfatória pela maior parte das famílias, deve-se concluir que é principalmente a pornografia que informa os adolescentes sobre a atividade sexual e a ilustra.

2. S. Fabris, R. Davis, *Il mito del sesso. Rapporto sul comportamento sessuale degli Italiani*, Milão, 1978.

3. S. Surace, *I padrini della pornografia e il delitto Pecorelli*, Roma, 1979.

Ultimamente a situação tem piorado com o lançamento de revistas pornográficas para meninos e adolescentes postas à venda nas bancas de jornal, junto com as clássicas revistas em quadrinhos, como *Tex*, o *Pato Donald*, *Tio Patinhas*, *Asterix*. Entre outros novos títulos estão *Ginfizz* e *Ginfilm*, publicados pelo mesmo editor da veterana revista pornográfica *Playmen*. Pura pornografia, os dois novos títulos estão particularmente atentos à atualidade cinematográfica e televisiva, desfrutando do poder destes meios de comunicação: o símbolo sexual que aparece vestido na TV faz um comercial e o menino responde comprando a revistinha onde poderá encontrá-lo, com outra roupagem bem diferente, se é que se pode falar assim.

Um outro exemplo bem ilustrativo é o de *Blitz*. Lançado como quadrinhos do tipo de *Lanciostory* e *Skorpio*, foi depois transformado pela editora em pornografia tradicional, embora tenha permanecido no setor de revistas em quadrinhos nas bancas de jornal. Afinal, o que se procura é tornar a pornografia assunto normal de leitura para rapazes, como em parte aconteceu nos Estados Unidos, onde, no final dos anos 70, podiam-se contar mais de 250 revistas pornográficas para adolescentes.

Sabemos que durante a adolescência o jovem, superada a consciência de si que tinha desde criança, caminha, ainda que de modo desordenado, à procura de uma nova identidade pessoal.

São os anos nos quais começa a se enamorar e as relações com o outro sexo são determinantes na formação da personalidade. A identidade pessoal dependerá muito da "identidade sexual", ou seja, das respostas que conseguir dar ao sentido das próprias relações com os outros.

Pois bem. É exatamente nessa fase que a pornografia empasta com seus modelos próprios a hierarquia de valores que o rapaz está formando, tornando-se o instrumento privilegiado de aprendizagem e de socialização sexual.⁴

OS PLÁGIOS

No decorrer da adolescência, de acordo com os modelos e as motivações, a agressividade natural pode ser dirigida para uma posi-

4. Inícios interessantes em *Sexual States of Mind*, de D. Meltzer, trad. it., Roma, 1975, especialmente a Seção B da Parte Segunda: "Psicopatologia sexual".

tiva capacidade de empreendimento e de iniciativa no construir amizades e estreitar relações, ou ainda para a violência de quem quer se impor sem levar em conta os sentimentos dos outros. E a violência não está ausente da pornografia: as chamadas com os quais os pornoquadrinhos fazem propaganda uns dos outros prometem violência, chantagem, injustiça, terror e atrocidade. E todas essas promessas são mantidas: as histórias ocorrem em ambientes de um mundo corrupto, não há situação na qual os homens não se comportem com base nos interesses ou nos mais baixos instintos. A violência nos pornoquadrinhos é o motor do mundo: não existem ideais. Nós, ao contrário, sabemos bem que o homem, jovem ou velho, na realidade vive de ideais e de projetos, grandes ou pequenos que sejam.

Mas também os projetos e os desejos de transformação são negados nos pornoquadrinhos. Pode acontecer que no final da história apareça um vislumbre de bom senso, de mentalidade comum posta ali como conclusão para evitar tornar o texto completamente subversivo e, portanto, inaceitável para um leitor que viva em um ambiente no qual valem todas as convenções que os quadrinhos, até a penúltima página, tinham violado. A rebelião presente nos pornoquadrinhos, por conseguinte, jamais indicam um projeto, mas é simplesmente desordem sexual, destruição de valores que transmitem um senso de rebeldia impotente.

Um aspecto muito importante da pornografia é que ela mantém a atenção dos leitores sobre objetos sexuais proibidos, como pais e irmãos. Faz isso propondo diretamente um incesto, ou, então, construindo uma situação que o pede, como, por exemplo, uma relação sexual casual entre um adolescente e uma mulher que poderia ser sua mãe. O adolescente que pode perceber uma certa atração por uma imagem feminina materna não é, de fato, ajudado a crescer e a desenvolver um interesse sereno pela mulher se a sua atenção é traumáticamente mantida numa atmosfera morbosa de incesto.

Um outro exemplo negativo pode ser o do tipo psicológico do tímido. Incapaz de realizar a própria sexualidade porque não sabe enfrentar as pessoas, encontra na pornografia um substituto imaginário, uma amante de papel. O prejuízo é grande, pois o tímido, gratificado pela pornografia, dificilmente saberá enfrentar o risco de abrir-se aos outros.

Todo momento de maturação pode ser um momento de crise no jovem. A pornografia mergulha o leitor em situações psicológicas que ele custa a superar, insiste nos instintos desordenados, nos

pontos obscuros do caráter, os quais o jovem deveria, pouco a pouco e com a ajuda de outros, aprender, não a reprimir, mas a ordenar e a interpretar construtivamente. A pornografia, ao contrário, cria um espaço escondido onde a desordem pode se desafogar, separada da vida normal do jovem na qual ele, no fundo, aceita, mais ou menos convencionalmente, as regras que lhe são impostas. Se a pornografia não encontrasse intrépidos concorrentes na vida do jovem capazes de lhe proporcionar exemplos, valores e explicações, conseguiria criar uma acrílica geração de idiotas.

BUSCA DE SENTIDO

Mas por que a imaginação pornográfica tem tanta eficácia? O fato é que o homem é muito grande para se contentar com as coisas. É por isso que procura sempre o sentido daquilo que faz e tem necessidade de dar um significado a cada gesto. O consumismo não teria tanto sucesso ao propor seus modelos e suas imagens se todo homem não quisesse dar uma constante interpretação à própria vida.

Esta necessidade de dar um sentido às coisas, feita de curiosidade, de desejo, de ardor e de generosidade, é desviada pela imagem pornográfica para um falso alvo: a corporeidade separada da pessoa. A pornografia "mostra", e joga como explicação um conjunto de dados físicos expressos em uma imagem.

Como contrabalançar essa influência? É importante introduzir o adolescente na realidade para que chegue a compreendê-la e, ao mesmo tempo, capacitar-se para melhorá-la. Há quem pense em preservar os jovens do desastre moral, fechando-os na família e aumentando fortemente o controle. Ao contrário, justamente olhando-se para fora e se interessando pelos outros é que, talvez, se compreenda que não só o gesto sexual deve ser acompanhado de um significado, mas também que os demais acontecimentos significativos que tocam profundamente a corporeidade, buscam um sentido: a dor, a doença, a morte. E os significados de todos esses fatos não podem ser discordantes, pois todos devem responder a uma solicitação de sentido que provém da própria pessoa: é a pessoa, o homem no seu todo de corporeidade e de interioridade que vive e se explica cada momento da própria existência. Nenhum instante da vida humana é meramente biológico.

E quando o horizonte da própria mente passou da mera corporeidade à pessoa, enquanto se compreendem as necessidades dos

homens, então se sente a necessidade de doação para que o homem bom que está dentro de nós acorde; somos feitos assim. É a essa altura, normalmente, que o jovem olha em torno de si para verificar se alguém tem um ideal válido para lhe propor. Mas quantos adultos estão aptos a resistir a esse exame cruel? O consumismo sexual pode tê-los destruído também.

OS OLHOS SUJOS

Existem sérias pesquisas que demonstram a estreita conexão existente entre certas práticas sexuais e a violência. O caso do maníaco que mata alguém depois de ter visto no cinema um episódio análogo demonstra que a pornografia pode agir como fator que desencadeia o crime violento.

Mas o socialmente mais importante é que foram coletadas amplas provas sobre a capacidade de os meios de comunicação mudarem as atitudes, os valores e os modelos de comportamento na esfera sexual das pessoas comuns, ou seja, não particularmente predispostas ao crime. Eysenck e Nias, analisando as pesquisas dos últimos anos sobre este assunto, se detêm sobre a "dessensibilização", ou seja, a perda de sensibilidade de que se verifica naqueles que assistem repetidamente a cenas de sexo e de violência, as quais se tornam quase que coisas normais da vida, o que pode acontecer ao se fazerem compras ou ao se dar uma carona.⁵

A dessensibilização é, com freqüência, acompanhada pelo *modelling*, isto é, a imitação no bem e no mal do comportamento de um modelo, que vale também para o comportamento cotidiano sugerido pelo herói bom e mulherengo. Até as crianças das escolas elementares do calmo Ohio, recorda um sociólogo americano, beijavam-se apaixonadamente no pátio depois de terem visto os filmes de James Bond, nos quais as mulheres tinham a missão de cair nos braços do protagonista.⁶

Esta transformação da mulher em objeto é uma característica presente quer na produção erótica à James Bond, quer na mais crua pornografia na qual o ato sexual é acompanhado, muitas vezes, por gestos de desprezo em relação à mulher. Eysenck e Nias concluem que todos os tipos de condicionamento usados pela mídia e pela

5. H. J. Eysenck, D. K. Nias, *Sex, Violence and the Media*, Londres, 1978, trad. it. Roma, 1985.

6. V. Packard, *Il sesso selvaggio...*, cit., p. 45.

pornografia têm efeitos sobre o comportamento masculino perigosos para a mulher. E a cultura comum e dominante na nossa sociedade está embebida desses condicionamentos.

Diana Russel, conhecida expoente do feminismo americano, em sua *La politica dello stupro*, põe sob suspeita tal cultura: o estupro, sustenta ela, não é um ato realmente desvirtuado no entender de muitas e difusas convicções, mas uma manifestação, ainda que extrema, de qualidades "consideradas superviris nesta e em muitas outras sociedades: agressividade, vigor, potência, força, severidade, arrogância, competitividade. Vencer, ser superior é próprio daqueles que aceitam os modelos de cultura da nossa sociedade.

Para muitos homens, prossegue Diana Russel, o sexo se torna o meio de afirmar um poder que não conseguem ter em outros aspectos da vida e é por isso provavelmente que a maior parte dos estupradores vem das classes mais baixas."⁷

O estupro, adverte o antropólogo Donald Symons, é um acontecimento complexo e são muitos os elementos que nele intervêm. De fato, as entrevistas realizadas nos centros que abrigam, para cura, os estupradores habituais, permitem estabelecer que muitos estupradores, homens socialmente fracassados e sem sucesso, procuram obter através da violência as mulheres que de outra forma não conseguiriam "possuir".⁸

Uma confirmação: do lado oposto da hierarquia social, entre aqueles que tiveram sucesso, notamos que uma das motivações de constante procura é o desejo de possuir coisas raras e custosas que por si mesmas caracterizam um *status* social elevado. E estas "coisas" significam, também, as mulheres mais cobiçadas, aquelas que exibem jóias e peles na publicidade das revistas acetinadas. Parece, enfim, que a mesma lógica une, seja os que na sociedade competitiva se sentem vencedores, seja os que se sentem derrotados: o sexo é um ponto de consumo, uma ocasião de poder exercido sobre a mulher reduzida a objeto sexual.

Uns e outros conseguiram separar a atividade sexual do mundo interior que deveria acompanhá-la. Vincularam o gesto sexual, não ao significado pessoal, mas a um modelo imposto pelo consumismo,

7. D. Russel, *The politics of Rape*, trad. it. (parcial) *La politica dello stupro*, Roma, 1976, p. 84.

8. D. Symons, *The Evolution of Human Sexuality*, Nova Iorque, 1979, trad. it., Roma, 1983.

os vencedores realizando-o efetivamente, os perdedores iludindo-se com poder consegui-lo pela violência. "Se na nossa cultura — escreve Diana Russel — se considerasse viril o ser gentil e sensível, o preocupar-se com as necessidades dos outros, o abominar a violência, a dominação e o aproveitamento, o querer o sexo somente numa relação significativa, o ser seduzido pela personalidade e pelo caráter, mais que pela aparência física, por relações profundas, mais que numerosas e casuais, então sim, o estupro seria um ato desvirtuado e, creio, muito menos freqüente."⁹

Esses fenômenos de desvios podem ser legalmente cultivados em nossa sociedade através da pornografia. Mais ainda, por meio do consumo freqüente da pornografia, todas as perversões potenciais em um homem podem se revigorar. O perverso é uma pessoa incapaz de uma vida sexual normal, que procura na pornografia aquilo para o que particularmente tende sua sensibilidade doentia; é principalmente ao perverso que se dirige a pornografia, porque privilegia os detalhes, as partes do corpo, não a pessoa.

Mas uma coisa que o consumidor de pornografia deveria levar em conta é que ela destrói o sexo. Vários observadores notaram que no consumidor habitual surge a certa altura uma forte sensação de necessidade do obsceno, normalmente contido na pornografia e para o qual está agora orientada toda a força de seu desejo. Tem necessidade de doses sempre mais fortes de estímulos sexuais e as procura em situações que não têm nada mais em comum com a realidade de uma satisfatória relação entre um homem e uma mulher. A nova "normalidade" do pornófilo é constituída pelas várias perversões nas quais não consegue mais ver o ridículo, o falsificado, o anormal. Encontrando uma mulher, não conseguirá mais ver a pessoa real, antes sobreporá a ela a imagem pornográfica que domina a sua cabeça: tem os "olhos sujos".

Mas também quem não compra a revista oficialmente pornográfica pode assistir a espetáculos, especialmente filmes, cujo conteúdo é fortemente erótico e têm todas as características de um trabalho pornográfico, embora não seja oficialmente considerado como tal.

Além disso, elementos pornográficos estão fazendo parte, já há algum tempo, da literatura cor-de-rosa, bastante acompanhada pelo público feminino que gradativamente se habitua a uma certa quanti-

dade de sexo não-essencial para o enredo da história. Mesmo revistas como *L'Espresso* ou *Panorama* têm habituado o próprio público ao nu. Criado o hábito, ele é mantido e até incrementado; deve-se mostrar uma certa quantidade de busto e pernas para que a compra seja garantida por parte do leitor habituado. Tanto é assim que um jornal onde inexistia totalmente este elementos nem sequer parece normal.

Apresentam habitualmente um sexo doentio a *Novella 2000* e outras revistas semelhantes. Quando, por exemplo, captam com a teleobjetiva lá de dentro de uma casa particular uma nudez que a pessoa focalizada não tinha nenhuma intenção de exhibir, habituem o leitor a um determinado desvio sexual; ou quando remexem o passado de uma diva à procura de uma foto de nudez tiradas talvez dez ou quinze anos antes, numa época em que a personagem, hoje famosa, passava fome e estava disposta a tudo. Mórbita é a tônica constante que se dá ao elemento sexual na vida dos grandes astros e divas que são propostos como modelo a todos, justamente no aspecto particularmente triste do ambiente em que vivem que é a dificuldade de manterem ligações estáveis.

O relatório Longford, uma pesquisa inglesa sobre a pornografia, em 1972, fazia uma observação análoga: "É nossa convicção que os valores e os parâmetros de julgamento reproduzidos pelos meios de difusão radiotelevisivos não são necessariamente os critérios aceitos pela maioria do público, mas antes os de uma rumorosa minoria que freqüentemente consegue ser influente na mídia".¹⁰ Esses grupos privilegiados, capazes de influenciar o comportamento do público, guiam os consumidores para modelos de vida que, de início, são estranhos à maioria, mas conseguem se impor cada vez mais, como os últimos vinte anos de nossa história podem demonstrar.

O modelo tradicional de vida que suportou os golpes mais duros desse ataque foi o matrimônio. Esta relação sexual estável, de longa duração, sai desgastada até pela atenção de quem aparentemente sustenta querer fortificá-la, como declaram os fascículos de *Armonia*. *Enciclopedia per migliorare le relazioni d'amor*, uma publicação semanal que parece ter feito sucesso, já que teve várias reedições. A acolhida positiva depende seguramente da grande ignorância dominante a esse respeito, da necessidade de falar de sexo no âmbito da família, onde ele é normalmente vivido.

10. *Pornography: The Longford Report*, Londres, 1972, trad. it. // *Rapporto Longford* "sulla pornografia", Milão, 1978, p. 90.

9. D. Russel, op. cit., p. 88.

Mas como a enciclopédia responde nas bancas a tais necessidades? "Fazer amor é a experiência mais importante para um casal", dizia o primeiro fascículo e, numa visão geral, a sexualidade conjugal é separada de todos os demais contextos e relações que dizem respeito ao casal: a unidade de medida para o êxito de um casamento é o acordo sexual, a cama é o centro da vida e o verdadeiro protagonista, até mesmo fotográfico, da enciclopédia.

E o amor? Seu sentido é completamente torcido: "Faz parte" da relação sexual, em vez de a relação sexual ser considerada como parte do amor conjugal. Assim, o amor é reduzido a um sentimento, a uma "emoção mágica". Faz-se até um convite à sinceridade, a dizer: "Eu te amo" somente se isso é, de fato, o que "se sente" naquele instante. "Feito" o amor, a experiência "mais importante" para o casal está terminada e até a próxima vez não há, na verdade, mais amor. Mas nós sabemos que não é a realidade o que a revista *Armonia* descreve. Nos dois partos que presenciei quando nasceram meus dois filhos, havia um homem e uma mulher, não "faziam" amor, mas continuavam a amar-se.

MORDA E FUJA

Não é de se espantar que também na pornografia oficial o desprezo pelo matrimônio seja um elemento constante e determinante. É normal, é natural a prática sexual que não respeita o vínculo conjugal de quem a exerce. Os textos pornográficos tratam o matrimônio como um erro da juventude logo superado. Explicam o seu abandono pela sua inutilidade, sua falta de sentido ou pelo desejo de emancipação de um ou de ambos os cônjuges de uma fidelidade considerada sufocante. Além disso, a insatisfação sexual torna lícita a infidelidade. Então, para que casar-se? Por interesse, porque a conveniência tem aspectos de utilidade.

Uma figura simbólica que a pornografia propõe em contraposição aos cônjuges é a do don Juan que procura constantemente o acasalamento para demonstrar a própria potência, para impor, através da genitália, a própria personalidade que, na realidade, não consegue fazer emergir. Redutíveis a essa figura são as atitudes do durão, do homem "que jamais deve pedir", freqüentes na publicidade. O don Juan é, em geral, uma pessoa imatura que, tendo atingido o escopo genital, perde todo o interesse pela outra pessoa.

Uma outra figura simbólica é a de Casanova, que se enamora de toda mulher e é capaz de conquistá-la, mas não consegue permanecer ligado a ela e tem de deixá-la. É um tipo humano freqüente

na imprensa e na cinematografia oficialmente não-pornográficas; é o homem que não pode ligar-se, ao qual não se pode pedir que assuma um compromisso para sempre; ele larga alguém e se junta a outra pessoa com desenvoltura, contando cada vez com uma experiência a mais para enriquecer bagagem repetitiva da personalidade, porque a natureza o fez assim. Esse tipo de indivíduo está continuamente à procura do namoro, mas é incapaz de amar, ou seja, de aprofundar o relacionamento, aceitando e conhecendo de verdade a pessoa amada.

É em grande parte o tipo masculino proposto ao leitor pela velha *Playboy*, como observa Cox em *A cidade secular*: "O final feliz é sempre uma experiência sexual ocasional, mas satisfatória, sem ligações que perturbem. As imaginárias amigas do leitor de *Playboy*, diversamente das mulheres que ele conhece na vida real, conhecem o papel delas e não pedem nada mais e não apresentam nenhum perigo de complicações permanentes: como todo bom acessório elas são descartáveis e disponíveis".¹¹

Playboy oferecia ao jovem uma imagem completa e lhe explicava, na delicada fase de entrada no mundo adulto, o que significava ser homem, no sentido de "macho". A oferta de um modelo global de comportamento, calcado na imagem do homem de sucesso, permaneceu a característica da pornografia de luxo que aspira entrar com tranqüilidade nas casas e repousar sobre a mesinha da sala. Num número recente de *Playmen*, por exemplo, há um tom progressista e se fala com ostentação de dotas citações sobre a homossexualidade, ainda que sem se afastar da própria linha de pensamento. A revista alterna esses assuntos com outros de atualidade política e cultural; o editorial é assinado por um conhecido historiador e fala sobre o presidente Cossiga, e, mais adiante, publica-se uma longa entrevista com o psicanalista Musatti. Todos os anúncios são de "alta classe", como a aquisição de um Alfa 75 ou um Volvo. As fotos de nus trazem a indicação de condicionadores de cabelo, de marcas de roupa, de lingerie...

O mesmo estilo se vê em *Excelsior*. Em um de seus números, tomado ao acaso, há uma reportagem sobre uma tragédia no Camboja, com excesso de imagens de morte, imediatamente seguida por uma série de fotos sobre a "noite de núpcias" e sobre os objetos indispensáveis que devem acompanhá-la (calçado, *lingerie*, divã, malas, vinho). Sobressai a característica do consumismo que desfaz a rea-

11. H. Cox, *The Secular City*, trad. it. *La città secolare*, Florença, 1968, p. 48.

lidade das coisas e as coloca todas no mesmo nível: as malas de Nazareno Gabrielli e os mortos cambojanos são duas notícias que se equiparam, usadas para provocar a mesma emoção.

VOCÊ E EU

Não devemos nos espantar se a morte perder seu significado numa revista pornográfica; o consumismo mantém sob pressão o contexto da atividade sexual exatamente porque é incapaz de explicar a corporeidade em seu conjunto. Mas essa tentativa não resiste ao confronto com a realidade.

Não se pode fazer uso do sexo e vivenciá-lo como se aquele mesmo corpo não estivesse sujeito à doença, à dor e à morte. Todos estes aspectos da corporeidade, inquestionavelmente vividos por nós, mostram, pouco a pouco, o sentido que têm, ou seja, o de referir a existência corpórea do homem e uma dimensão diversa, mais profunda, que a corporeidade naturalmente acompanha: a interioridade, que está além da aparência. Corporeidade e interioridade fazem a pessoa e é essa pessoa inteira que vive a sexualidade, a qual não se identifica com o exercício físico das relações sexuais. A virgem e a pessoa consagrada vivem plenamente, a seu modo, a sexualidade, ainda que não exercitem a atividade sexual, prefigurando aquela que será a condição definitiva da corporeidade quando se cumprir o projeto de Deus. A sexualidade, assumida de maneira equilibrada pela pessoa, participa da capacidade humana de procurar significados e valores. O eros, a força do desejo, é colocado a serviço dessa busca levada a cabo pela pessoa.

A banalização do sexo e a "normalização" de seu uso onde quer que seja e com quem quer que seja avilta o eros, atraiçoa o sexo, diminui o valor do corpo, porque o impede de fazer uma autêntica experiência humana e de referir à interioridade os seus gestos. E sem experiência não há conhecimento, e, portanto, não há sabedoria ou compreensão do sentido das coisas.

Ora, o sexo, por sua própria lógica, exige pessoalidade: o dom do corpo deve ser seguido pela interioridade amorosa. E não pode haver amor em geral; pode-se amar somente "este" homem, "aquela" mulher. O amor é uma escolha pessoal, exclusiva, não-retratável. Só pode ser, então, amor de esposos.

Conseqüentemente, a exposição pública do próprio corpo e o seu uso fácil são coisas contrárias ao sexo; o que o esposo diz com o próprio corpo o diz somente à esposa, faz parte do colóquio particular deles. Por isso, não só o esposo e a esposa são, separada-

mente, enquanto seres humanos, alguma coisa de único e que não se repete, mas também o que são em conjunto, enquanto esposos, nenhum outro poderá repetir. Dois esposos que se separam interrompem um discurso que nenhum outro poderá concluir.

O corpo se comunica, não só no sexo, mas também na dor, na doença e na morte. Todas essas expressões da linguagem do corpo interessam os esposos, porque um não ama somente uma parte do outro, mas a pessoa inteira. Por isso no rito matrimonial um jura ao outro: "Serei fiel e te amarei sempre, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença".

Os esposos, nos diz a experiência, podem transformar em amor todos os momentos da vida, muitas vezes até inesperados e duros, um amor muito maior do que possa propor qualquer imagem irreal do consumismo. Os esposos são, um para o outro, a "aventura"; são, juntos, os vigias da realidade.

Entre dez mil se distingue... responde ela, pois os namorados conseguem se ver na multidão e a seus olhos a pessoa amada se destaca, embora para todos os demais ela seja uma entre tantas.

Mas têm razão os namorados, tomados que são de um sentido mais apurado da realidade. Se cada homem não fosse profundamente diferente de qualquer outro, não teria sido motivo nenhum seu aparecimento sobre a terra. Mas esse motivo existe e está no coração de sua mulher.

Se um homem existe, se ele está aqui, quer dizer que ninguém é como ele.

A HIPÓTESE

"Uma amiga minha tinha decidido não se casar", conta-me Angela Pozzi. "Eu comparava minha vida com a dela e pensava que a mim, ao contrário, estava faltando alguma coisa, que não conseguia viver em plenitude sem o casamento. Mas jamais passara por minha cabeça casar-me com algum dos rapazes que eu conhecia. Nada apercebi e eu gostaria de casar-me com ela no dia seguinte; era, contudo, muito diferente dos demais e eu mesma via muito diferente de mim nos gostos e nas idéias, mas era 'ela'."

"Quando encontrei Angela, replica Nedo, eu estava numa fase de grande turbulência: tinha perdido a fé, tinha dentro de mim, como tantos outros jovens, apenas um ideal de beleza a ser perseguido e expresso pelas artes ou por outros meios. Este ideal era a única coisa importante numa situação de total confusão. Também

O AMOR É...

"Que tem o teu amado mais que os outros?", perguntava o coro das donzelas à esposa, no *Cântico dos Cânticos*.

"Entre dez mil se distingue", responde ela, pois os namorados conseguem se ver na multidão e a seus olhos a pessoa amada se distingue, embora para todos os demais ela seja uma entre tantas.

Mas têm razão os namorados, tomados que são de um sentido mais apurado da realidade. Se cada homem não fosse profundamente diferente de qualquer outro, não teria tido motivo nenhum seu aparecimento sobre a terra. Mas esse motivo existe e está no coração de sua mulher.

Se um homem existe, se ele está aqui, quer dizer que ninguém é como ele.

A HIPÓTESE

"Uma amiga minha tinha decidido não se casar", conta-me Ângela Pozzi. "Eu comparava minha vida com a dela e pensava que a mim, ao contrário, estava faltando alguma coisa, que não conseguiria viver em plenitude sem o casamento. Mas jamais passara por minha cabeça casar-me com algum dos rapazes que eu conhecia. Nedo apareceu e eu gostaria de casar-me com ele no dia seguinte; era, contudo, muito diferente dos demais e eu mesma via muito diferente de mim nos gostos e nas idéias, mas era 'ele'."

"Quando encontrei Ângela, replica Nedo, eu estava numa fase de grande turbulência: tinha perdido a fé, tinha dentro de mim, como tantos outros jovens, apenas um ideal de beleza a ser perseguido e expresso pelas artes ou por outros meios. Este ideal era a única coisa importante numa situação de total confusão. Também

sob o ponto de vista moral não havia certezas. Passei de um estado no qual me limitava a cultivar dentro de mim ideais e sonhos a um estado no qual minha vida teve de se mesclar com a realidade, pelo simples fato de estar enamorado e de ter de pensar, em um dado momento, em vivermos juntos, em casar-nos.

Creio que o nosso amor não tinha outra saída, outra solução. Você sente, quando se relaciona com uma pessoa, se aquilo dura ou não; eu e Ângela não víamos o fim da história, quer dizer, tanto para mim como para ela, parecia que aquilo nos ligava, que era definitivo."

Nedo e Ângela estão casados há 25 anos e, como os demais casais que falarão mais adiante, ainda estão enamorados. Eu os considero peritos, como os demais cientistas que, partindo de uma hipótese inicial, trabalham nela por toda uma vida, confrontando-a com muitas outras e chegando, enfim, a estabelecer certezas. Esses esposos, partindo da hipótese inicial de seu namoro, comprovaram-no, dia após dia, através dos caminhos e das provações que o amor deles enfrentou. Existem poucos "livros escritos" sobre o namoro. Mas tenho encontrado muitos livros vividos e os tenho levado a sério, respeitando os esposos como "professores" em sua área.

A história de Ângela e Nedo, por exemplo, põe por terra, desde as primeiras palavras, um falso lugar-comum, que considera o namoro como uma evasão da realidade. Quando alguém se enamora, sabemos-lo por experiência, perde o próprio equilíbrio habitual, vê no amado o centro das próprias experiências e, por isso, vive "fora de si", totalmente voltado para o outro. Normalmente, porém, se pensa que esse estado seja uma evasão da realidade, com a qual o enamorado retomaria o contato somente depois, quando "passasse a paixão". Nedo, porém, diz exatamente o contrário, isto é, que o enamorar-se significa cair na realidade: "De fato, não tinha caído na realidade antes, quando estava fechado em mim mesmo; o enamorar-me abriu-me, jogou-me no confronto com as coisas concretas, porque implicava compromissos. Mas a maior realidade que ele me trouxe foi a mulher que eu amava. O namoro foi para mim, como para ela, a entrada em uma terra desconhecida e nos conduziu por caminhos que jamais teríamos imaginado".

AMORES ANTIGOS

Francisco Alberoni, na sua análise sociológica do namoro, sustenta que na história, na vida social, tomam vida alguns fenômenos particulares que mudam radicalmente as relações entre os homens,

e a qualidade mesma da vida e da experiência acaba se transfigurando. Trata-se — segundo Alberoni — de movimentos coletivos com os quais nascem religiões como o cristianismo e o islamismo, mas também movimentos sindicais e estudantis: "Em uma dada estrutura social, o movimento divide quem estava unido e une quem estava dividido para formar um sujeito coletivo novo, justamente um 'nós' que, no caso do namoro, é formado pelo casal amante-amado. O tipo de forças que agem nos dois casos têm a mesma violência e a mesma determinação".¹

Quem foi namorado sabe: os dois colocam tudo em discussão, consideram verdadeiro somente aquilo que para eles assim parece, não reconhecem nenhuma lei ou convenção que seja estranha à realidade do amor. Eles são os "legisladores" do novo mundo que estão construindo. A literatura popular siríaca, que se exprime no *Cântico dos Cânticos*, acaso não chama os namorados de "rei" e de "rainha"? O namoro transforma os dois pastores nos senhores do mundo e eles se tornam criadores daquilo que lhes diz respeito.

O namoro atinge abismos da interioridade humana que os nossos antigos pais gregos e hebreus já tinham começado a sondar e chegaram a ver em profundidade, talvez pela maior simplicidade com que o homem se lhes apresentava. Aí se inspiravam para construir histórias que narravam aquilo que, por milênios, não muda na mente humana. É nessa mesma profundidade que se inspiram, ainda que, muitas vezes, de modo superficial e desordenado, as imagens sexuais e nupciais do consumismo. Retornar às imagens clássicas, geradas pela nossa civilização por milênios, ajuda a entender melhor como somos feitos; as imagens que nos são propostas hoje nos encontram, assim, mais conscientes do que sentimos, mais prudentes e capacitados para uma avaliação crítica.²

A história de Orfeu que segue a amada até o inferno nos diz, por exemplo, quão antigo é o desejo de que o amor vença a morte. E a história de Hipernestra mostra que o estar enamorado pode levar à ruptura de todas as ligações precedentes, ainda que sagradas. O rei Danao, conta a antiga história, tinha dado suas cinquenta filhas

1. F. Alberoni, *Innamoramento e amore*, Milão, 1979, pp. 7-8.

2. Não é este o lugar para se fundamentar uma interpretação de certos mitologemas, nem o uso deles em relação à tentativa de se ter um contributo para o esclarecimento a nós contemporâneos dos fenômenos do enamoramento e do amor. Por brevidade, nos referiremos a alguns dos conceitos expressos por Karoly Kerényi, onde explica o sentido de seu trabalho, a pesquisa da "fundação mitológica", como a "prática de uma imersão em nós mesmos, que leva ao germe vivo da nossa totalidade" (*Eintührung in das Wesen der Mythologie*, trad. it., Turim, 1972, p. 23).

como esposas aos cinqüenta filhos do Egito que avançavam contra ele; as moças, por ordem do pai, deviam matar durante o sono seus respectivos maridos. Somente Hipernestra, infiel ao pai e às irmãs, não mata seu esposo Linceu. A solidariedade parental rompe-se pela primeira vez porque uma mulher se enamora. Levada a julgamento, Hipernestra encontra uma aliada na deusa Afrodite: "O desejo do amor — comenta o antigo narrador — toma conta da terra".³

Também no contexto cultural hebraico, de outra parte, a desaprovação à ruptura da ligação parental está presente, como testemunha a esposa do *Cântico*:

"Os filhos de minha mãe ergueram-se contra mim; puseram-me a guardar a vinha, minha própria vinha não guardei".⁴

A união dos namorados é, hoje, vivida por eles como total, cósmica, porque se sentem o mundo inteiro um para o outro; e não é uma mera ilusão a deles, mas o símbolo de uma realidade de reconciliação universal a que a humanidade aspira e que deverá se realizar também com a contribuição deles. Os antigos tinham o mesmo modo de ver: no primeiro casamento mítico celebrado sobre a terra, o de Cadmo e Harmonia, o cocho dos esposos era puxado por um lince e um leão, dois animais adversários um do outro. Mas também as plantas daquele "jardim fechado", que no *Cântico dos Cânticos* simboliza a esposa, não podem crescer na mesma terra; o jardim é, portanto, imaginário, tem valor de símbolo, exprime o desejo de um lugar no qual as mais belas coisas estejam presentes a um só tempo e mostra que na unidade dos namorados tal reconciliação cósmica de algum modo se realiza.⁵

E por que falar dos antigos? Porque a sabedoria antiga e a realidade contemporânea se encontram no enamorado que se descobre não como insignificante ramo seco, mas como homem na riqueza da história. O enamorado abre sua mente e a faz capaz de entender aquelas antigas "figuras fundamentais", aqueles "arquétipos" do amor humano, porque o amor, mesmo aos doze anos, é clássico.

E, assim, uma jovem que talvez não tenha tido muito sucesso na escola abre Shakespeare e compreende maravilhosamente a sintaxe tortuosa e enamorada de Julieta, quase que antecipando em

3. K. Kerényi, *Die Mythologie der Griechen*, trad. it., Milão, 1978, *Gli dèi e gli eroi della Grecia*, vol. 2, pp. 50-52; 292-299.

4. Ct 1,6.

5. K. Kerényi, *Die Mythologie...*, cit., pp. 41-42; Ct 4,13-14.

seu coração as palavras dela, pois a mentalidade é a mesma. Pouco importa o nome: convivem nela Hipernestra, Heloísa, Ginevra, Isolda, Beatriz... enfim, vive Eva a quem o Gênesis havia predito: "Sentir-te-ás atraída para teu marido" (Gn 3,16).

FEITA PARA MIM

Como considerar, portanto, negativamente a "superavaliação" e a "idealização" do amado que caracteriza o início do namoro? Certamente haverá em seguida um redimensionamento, mas enquanto isso, sustenta Julia Veronese em seu estudo *Corporeità e amore*, o amado se sente plenamente aceito, admirado e, talvez pela primeira vez, não-julgado. "Isto sim faz com que o outro ou a outra se sinta compreendido, valorizado, gratificado em sua necessidade de ser reconhecido por suas próprias qualidades, encorajado em suas energias, feliz, enfim. Este sentimento de alegria tornará mais fácil a correspondência e com isso a *reciprocidade* daquele sentimento próprio do namoro que é a *necessidade pessoal do outro*."⁶

Esta experiência é um ponto de referência essencial para se poder prosseguir: "À distância de alguns anos desde quando aconteceu comigo — explica Alberto Friso — o enamorar-se me parece um sinal profético de como deverá ser o amor. Noto ainda hoje a sua beleza e sinto que durará por toda a vida, porque o encanto que você tem gratuitamente no dia em que se enamora, depois você o constrói dia a dia no relacionamento com o outro". "Quando você se enamora — recorda Nedo Pozzi — você só pensa no outro e em fazê-lo feliz, mas, depois, com o passar do tempo, no meu caso, por exemplo, o relacionamento com Ângela mostrou características inesperadas: tornava-se também uma espécie de luta, porque continuávamos a estar bem quando estávamos juntos, mas nos descobríamos muito diferentes... Era um relacionamento belíssimo e ao mesmo tempo terrível."

Concluindo, a abertura inicial que acontece no namoro tende, depois de certo tempo, a fechar-se e o enamorado pode "cair em si", recomeçar a ocupar-se de si mesmo e do próprio projeto individual de vida. Isto acontece com muita freqüência. "Mas também acontece — sustenta Alberto Friso — que os namorados concluam, e foi esse o meu caso, que o relacionamento deles vale mais que o sacrifício exigido para conservá-lo e aprofundá-lo. A união que antes

6. G. Veronese Carre Comes, *Corporeità e amore la dimensione umana del sesso*, Roma, 1986, p. 52.

surgia espontaneamente é, agora, atingida pela cansativa saída de si para encontrar o outro. Recordo-me que, numa tarde de domingo, quando eu e Anna ainda nos conhecíamos de pouco, tínhamos combinado ir juntos ao cinema. Entre nós, porém, nasceu uma tal discussão que nos manteve até a noite no saguão da estação ferroviária. Era, talvez, o ambiente menos apropriado para isso, mas estávamos convencidos que era necessário conversar. Descobrimos, assim, que após cada confronto, nos uníamos um pouco mais.

Em poucas palavras, mais cedo ou mais tarde, tem início um trabalho de aprofundamento e de confronto que só pode ser levado adiante por quem, através do enamoramento, teve uma intuição da vida, da beleza da união entre um homem e uma mulher e aceita que nada mais pode ser como antes e aceita de empenhar a própria vida na construção dessa unidade.”

É uma aventura rica em golpes de cena: “Antes de conhecer Alberto — conta Anna Friso — eu namorara outro rapaz. Éramos muito jovens, crescíamos juntos e juntos íamos conhecendo os problemas da vida. Eu sentia uma atração muito grande pela responsabilidade social; ele, porém, me parecia totalmente tomado pelo sentimento que tinha por mim e, assim, não achava espaço dentro dele para abrir-se aos outros, à humanidade. O relacionamento com ele, enfim, satisfazia a parte afetiva, mas não respondia a outras fortes exigências da minha pessoa. Foi difícil deixá-lo, mas eu não podia deixar de viver a minha vida para ficar ao lado dele. Depois aconteceu o encontro com Alberto... e fiquei profundamente enamorada. Gradualmente, descobri que eu podia empenhar a minha vida ao lado dele porque as dificuldades para nos entender encontravam uma constante resposta, conseguíamos construir sempre uma linha comum e, mesmo nas dificuldades, crescia o esforço de fazer de duas coisas uma só, isto é, de dois modos de pensar, de duas sensibilidades diversas...”

Portanto, se nem todos os namoros têm continuidade, é também porque podem faltar requisitos fundamentais: é necessário ser feito para viver junto, mas é necessário também crer nas mesmas coisas, como explica Danilo Zanzucchi, ou aprender juntos a acreditar nelas. “Havia em mim uma aspiração de fundo que no transcurso de minha juventude, pouco a pouco, foi se esclarecendo: sentia ser feito para o matrimônio, mas diversas experiências que tivera não correspondiam ao projeto que tinha dentro de mim, ou seja, de formar uma família cristã. Tive, então, vários namoros, anos de espera e de procura. Quando encontrei Annamaria e tive ocasião de comunicar-lhe meu pensamento, percebi logo uma afinidade total. Existia uma

atração tanto física como espiritual completa, como se fosse uma pessoa preparada para mim e que correspondesse plenamente ao projeto de vida que eu tinha amadurecido antes mesmo de conhecê-la. Dois dias depois, eu a pedi em casamento.”

“E eu lhe disse que sim — recorda Annamaria. Eu tinha tido uma vida como a de tantas outras moças; terminara a universidade e cultivava minhas preferências. O encontro com Danilo, no entanto, foi como uma nova abertura. Tive a impressão de que nesse projeto que nascia estava a condição para que alguma coisa profunda se realizasse em mim; era como que dar início a meu caminho. Seguindo nessa nova realidade, fiz também, depois, uma outra descoberta: o amor de Danilo, o dom que ele queria ser para mim, de certo modo esclarecia tanta coisa que eu mesma não conhecia em mim... E isso aconteceu também depois, continua ainda hoje e se tornou recíproco.”

A VOLTA

Em resumo, estas experiências mostram que a construção de um projeto não comporta obrigatoriamente uma perda, pois a formação de um casal não é um compromisso pelo qual cada um dos dois se limita a renunciar a alguma coisa. Dizem também os casais que na natureza mesma das coisas e das relações humanas estão inseridas tanto a morte como a ressurreição, exatamente como desejava Orfeu, que tentou arrancar sua amada dos infernos. O problema é encontrar a chave para passar da morte para a vida e o namoro tem o grande mérito de mostrá-la: quem se esquece de si mesmo, quem vive “fora de si” e, portanto, se perde, isto é, aceita uma “morte do eu” encontra-se unido ao amado, vive para ele e, de certo modo, “nele”. No namoro esta atitude é recíproca, pois cada um dos dois “se torna vivo” através do outro e nenhum namorado sente que está perdendo porque ama o outro. Pelo contrário, doar-lhe parece o maior ganho.

E ao invés, quando mesmo um só dos dois, o homem ou a mulher, não se perde e não doa, a reciprocidade desfalece e ambos parecem morrer sem que haja uma saída; não se encontram mais e é o inferno. Neste caso, amar quer dizer vencer o instinto que ordena um fechamento e o não mais se expor; quer dizer permanecer “fora de si”, na noite, esperando que o amado volte como amante e chegue até o outro, para juntos, serem novos.

OS OLHOS TRISTES

Muitas das imagens de publicidade do consumismo que tratam as adolescentes como "mulheres feitas" querem nos fazer crer que elas são mais precoces que antigamente.

Há, no entanto, quem duvide que o processo de maturação genital e psíquica delas seja hoje mais rápido que nos anos passados. Miriam de Senarcles, por exemplo, acha que as adolescentes que entram em seu consultório de ginecologia de fato não conseguiram tranqüilidade e harmonia pela desvalorização da virgindade e pela corrida ao prazer. As relações sexuais fáceis e precoces não ajudam o crescimento. Podem, ao contrário, desencadear angustiantes problemas nas moças, que se dirigem ao ginecologista para pedir a implantação de um DIU aos 15 anos, ou que mostram ter desmesuradas exigências de satisfação sexual inspiradas na literatura destes últimos anos. Teme-se que, deste modo, as adolescentes fiquem ao sabor da inexperiência e "do egoísmo dos rapazes, que nem sempre amadurecem na mesma proporção". "Certamente — sustenta a ginecologista — a falta de cortejo e uma iniciação sexual rudimentar parecem mergulhar as naturezas mais sensíveis num profundo mal-estar, raramente confessado."⁷

Reduzir tudo à genitalidade, enfim, apressa a hora do sexo e a desliga do amor. O consumismo sexual tende a tirar fraudulentamente o adolescente do namoro, levando-o por um caminho forçado e rápido. O namoro, assim, pode não ter o tempo de indicar aos dois jovens as suas maravilhas, porque logo se torna velho, igual a qualquer um outro.

Que mundo é esse que mata os namorados? Andando pelas ruas se reconhecem as vítimas. São os jovens de olhos tristes.

O desvio do namoro para uma precoce atividade sexual revolucionária a idéia mesma de amor: "Para a maior parte das pessoas — escreve Erich Fromm — a própria personalidade e a dos outros são rapidamente exploradas e esgotadas. Para elas, se estabelece a intimidade principalmente através do contato sexual".⁸

Habituaados pela força do consumismo a apreciar a imagem e a não ir além, até a interioridade da pessoa, muitos (talvez a maior

7. M. De Senarcles, *Prática ginecológica e sessualità: dal dolore al piacere*, in G. Abraham, W. Pasini, *Introduzione alla sessuologia medica*, Milão, 1975, p. 255.

8. E. Fromm, *The Art of Loving* (1956), trad. it. *L'arte di amare*, Milão, 1984, p. 59.

parte, como diz Fromm) crêem hoje que encontrar-se signifique unir-se fisicamente. Quando o namoro alimenta uma forte atração pelo outro, a resposta mais espontânea se torna, assim, a união física e o amor se torna o produto de tal encontro sexual.

O amor, portanto, é entendido como a posse de um objeto, como um apoderar-se um do outro por um tempo limitado. Realmente, um "apoderar-se" que se torna logo um fazer do outro um juguete, pois se dirige ao corpo, reduzido a mero objeto físico e que logo logo não tem mais nada de novo para oferecer. A essa altura, o amor desfalece porque exauriu o próprio objeto.

Uma análise psicológica pode desfazer definitivamente essa concepção do amor, já que o considera como uma "faculdade" realmente presente em nós como, por exemplo, a inteligência; uma faculdade que pode ser atrofiada pelo pouco uso, mas que pode ser desenvolvida se aprendermos a utilizá-la.

De fato, explicam os psicólogos Cláudio e Violetta Mina, o amor é "a faculdade que nos põe em íntima união com os valores presentes na realidade das coisas e nos faz encontrar alegria neles... Assim com os olhos captam as vibrações eletromagnéticas e o ouvido as acústicas, assim há em nós uma estrutura que nos faz captar e apreciar a carga de valores que se nos apresenta".⁹

Mesmo sem se referir à dimensão espiritual do amor, que as religiões, por exemplo, exaltam, e permanecendo no terreno da psicologia, o amor demonstra não estar subordinado à presença de um determinado objeto. Pelo contrário, é uma atitude do homem, que está voltada para todas as realidades, que se exercita onde quer que se possa captar um valor e que não recusa nenhum objeto, mas distingue os diversos valores que cada um tem. E é exatamente isso que entendemos quando dizemos que amamos a música ou a natureza... Conseqüentemente, não posso amar qualquer coisa e deixar de amar alguma outra, ou melhor, posso fazê-lo se quiser, mas desse modo uso erradamente minha capacidade de amar, que fica reduzida.

Esta situação é a mais comum: quase todos amam de algum modo alguém e desconfiam de outros. Por isso, o namoro é um acontecimento excepcional e positivo. Desperta a nossa faculdade de amar fazendo-nos compreender a extraordinária beleza de uma determinada pessoa. E podemos aproveitar a ocasião para entender

9. C. e V. Mina, *L'amore nella coppia. Problemi di psicologia coniugale*, Pádua, 1980, p. 18.

como cada um é digno de amor, quer alguém dele se enamore, quer ninguém jamais dele eventualmente se enamore.

Mas como nos tornar capazes de amar?

SEXUALIDADE ADULTA

Sob certos aspectos, a sexualidade numa criança parece muito reduzida. De fato, a forma típica da sexualidade infantil é o auto-erotismo que se manifesta por um fechamento à realidade externa. A criança tenta repetir sozinha uma satisfação que já havia provado no contato com a mãe: chupa o dedo, por exemplo, para substituir a sensação que tivera antes no seio materno. A sexualidade infantil, explica a psicanálise, cativa com a fantasia o objeto desejado, a ponto de não ser mais necessária a sua presença real; a própria criança ou uma parte de seu corpo é o objeto da própria sexualidade. Isto torna a criança auto-suficiente e "onipotente": ela se liberta da realidade, atribuindo a certas partes de seu próprio corpo o significado desejado, e o dedo, assim, se torna um seio.

É evidente que para crescer e amadurecer, escreve o psicanalista Franco Fornari, a criança precisa sair do auto-erotismo e se encontrar com a realidade, deve aprender a descobrir os verdadeiros significados das coisas e das experiências, em vez de lhes atribuir significados de acordo com as próprias necessidades;¹⁰ deve, enfim, aprender a abrir-se e a reconhecer os valores, desenvolvendo a própria capacidade de amar.

É um processo complexo que se dá por etapas. O namoro pode ser um momento importante porque faz sair de si e encontrar a realidade do outro, que, ainda que idealizado, é, contudo, *um outro* com o qual precisa mais cedo ou mais tarde aprender a se comunicar.

E com que linguagem? Se os dois namorados tinham antes, individualmente, uma certa capacidade de amar, aprenderão, então, a reconhecer os valores recíprocos e, juntos, a descobrir outros novos. Saberão conversar entre si na realidade. Caso contrário, usarão as imagens fornecidas pela cultura dominante do consumismo e a linguagem deles não será pessoal, mas usarão as palavras que outros os farão dizer. Assim fazia Woody Allen em *Sonhos de um sedutor* quando tentava seduzir Diane Keaton seguindo os conselhos de Humphrey Bogart. Incapazes de captar os valores, de descobrir a personalidade do outro, voltarão, mais cedo ou mais tarde, a apo-

derar-se de um objeto, abandonarão o difícil diálogo, recaindo na sexualidade infantil que só encontra o outro na fantasia.

Quem sabe amar, quem sabe abrir-se aos valores do outro aprende no diálogo a conhecer também os próprios valores e suas palavras são autênticas: "Sou *eu* que te amo".

É uma experiência feita e repetida infinitas vezes: quem assim sabe falar e ouvir pode também escolher não exercitar a genitalidade porque interiormente está satisfeito pelos outros modos de encontro com o outro. Ademais, nenhuma ânsia de posse estimula quem é sexualmente adulto. A genitalidade é, além disso, uma expressão particular a que chegam, a certa altura, os namorados, mas não diz respeito a outros tipos de relação para cuja base, entretanto, é necessário que a pessoa tenha chegado a uma sexualidade adulta, através do amor, como a amizade, a fraternidade, a paternidade e a responsabilidade de uma decisão.

A ansiedade, por sua vez, devora quem é incapaz de abrir-se e de sair do mundo da infância: não consegue dominar-se e para ele a relação com o outro assume a forma de uma *necessidade* imperiosa.

O CORAÇÃO PLENO

Atingir uma sexualidade adulta significa, portanto, compreender a realidade e vivê-la, reconhecer seus valores e dedicar-se àqueles que melhor respondem ao nosso ser.

A esse respeito, há uma convicção que pode dominar os que estudam o namoro: a de que, para se tornarem completamente disponíveis às vicissitudes profundas do casal, às mudanças da vida individual que a doação ao amado ou à amada supõe, os namorados sejam obrigados a renunciar a metas pessoais mais elevadas. Imagina-se não só uma renúncia de atividades de prestígio e que satisfazem, mas também um risco de empobrecimento interior, como se, ao se casarem, os namorados ficassem "limitados". É verdadeira essa suposição?

"Quando percebi que estava apaixonada por Carlo" — conta Gianna Fumagalli, também ela do nosso grupo de cônjuges "peritos" — "eu já tinha o coração bem pleno. De fato, eu vinha de um período de procura que, depois de alguns anos durante os quais eu estava aberta a tudo, me tinha levado a uma resposta: eu acreditava no amor de Deus e queria agora traduzi-lo em atos concretos de serviço aos outros. E me perguntava: como Carlo poderia entrar em minha vida sem vir de encontro àquela situação que eu mal atingira? Temia

10. F. Fornari, *Genitalità e cultura*, Milão, 1983, p. 41.

que ele me limitasse não só as atividades exteriores como a profundidade delas. A minha escolha de corresponder ao amor de Deus era definitiva e eu não podia traí-la. Mas desejava também não perder nada do encontro que eu tivera e que me teria levado a casar-me.

O esclarecimento interior aconteceu muito simplesmente, com o tempo. Falando também com quem dividia aqueles ideais comigo, cada coisa encontrou seu lugar certo dentro de mim. A própria experiência que eu fazia me fez entender que é possível uma doação profunda a Deus e aos outros e, ao mesmo tempo, casar-me. O amor pelo próprio esposo e pelos filhos e o próprio matrimônio não são um obstáculo, mas condições nas quais se pode realizar a radicalidade de doação à qual eu não podia renunciar.”

Experiências como estas nos mostram que há pessoas que, no transcorrer de sua formação, amadurecem a capacidade e a decisão de uma doação profunda de si a um ideal; algumas delas se casam, outras não. O que conta é saber doar-se; sem essa capacidade, nenhum projeto de vida chega a uma realização que satisfaça.

UNIDOS PARA CRIAR

A proximidade, a presença, o contato físico jamais cansam os namorados, pois nenhum gesto corpóreo é apenas físico, mas é sempre um sinal que fala alguma coisa da interioridade e nele o homem se exprime como unidade, como pessoa. “A corporeidade — sustenta a médica geriatra Flavia Caretta — é a maneira concreta com a qual o homem representa toda a riqueza de seu ser como homem. O corpo exprime o homem e o interpreta.”¹¹

O corpo exprime, portanto, a “qualidade” do amor que vive dentro. A atitude dos namorados é marcada, de fato, pelo timbre de uma escolha recíproca: de longe deve-se perceber que se ama de modo exclusivo; os gestos deles são de tal modo característicos que seria realmente uma traição até mesmo simplesmente olhar do mesmo modo para qualquer outro. Dizer “te amo”, conseqüentemente, e não exprimir isso com a corporeidade pode tornar-se muito cedo uma mentira, ou então ocasião de sofrimento, pois o homem tem necessidade de se exprimir de modo unitário. E então a sexual-

11. F. Caretta, *Spunti di riflessione sul significato del corpo nella cultura contemporanea*, relação apresentada no Seminário sobre sanidade organizado pelo Movimento Umanità Nuova; Rocca di Papa, 12-15 de junho de 1986.

idade emerge no decorrer do namoro e se entranha, pouco a pouco, no modo de ser dos namorados. O desejo não se extingue, pois não sai de nossa pele, mas penetra até as profundezas do mundo interior. A pessoa inteira se volta para a outra e a satisfação procurada é total, tanto que nenhum gesto, nem mesmo o relacionamento genital, é por si mesmo capaz de proporcionar essa satisfação. Só o será se for sinal da doação total, isto é, se toda a pessoa entrou no jogo do desejo e da doação.

Os gestos e os contatos do corpo estarão, dessa maneira, carregados de uma intensidade até desconhecida por quem não se põe todo inteiro no relacionamento com o outro. Quanto maior for a ligação profunda entre os dois (espiritual, intelectual etc.), maior será a carga “erótica” de um gesto, isto é, a sua capacidade de exprimir o desejo e de satisfazê-lo. E não é necessária a expressão genital para se entrar nessa realidade de comunhão e de satisfação; os outros gestos dos namorados como a carícia, o abraço, o beijo são capazes de manifestar nossa profunda unidade. Certamente são beijos de forte sabor, são já, sob muitos aspectos, gestos conjugais, carregados de todos os significados do amor. E quais são esses significados?

“Quem ama — responde Danilo Zanzucchi — percebe mais cedo ou mais tarde que o amor ‘vai além’. Se é verdade que a mente se aquieta e se sacia com a contemplação da pessoa amada, é verdade também que dessa mesma contemplação surge a necessidade de ir além, no sentido de ‘aprofundar’ o que se contemplou. É por isso que os namorados discutem e se entendem melhor e, depois, discutem de novo e assim se abrem a coisas que antes não lhes interessavam e se tornam curiosos juntos. Tudo aquilo que os leva a olhar para fora, mas também tudo aquilo que gera algo novo entre eles é o aspecto criativo do amor deles que provém do aspecto unitivo, isto é, do fato que o amor os une, conserva e faz crescer a unidade, renovando-a, e, por sua vez, sai renovado. Unidade e criatividade se fortalecem mutuamente no casal e cada gesto de amor está embebido destes dois significados.”

Também o gesto sexual assim se caracteriza; é realizado porque se ama com desejo e isto basta a nossos olhos de namorados para justificá-lo; mas não pode deixar de conter também o aspecto criativo, ou seja, a possibilidade de procriar. O nosso desejo é fértil e isso abre continuamente o horizonte, é o respiro da sexualidade, a vida. De outra parte, não só a expressão genital, mas toda expressão de amor vivida com a consciência de todos estes seus significados é completa.

Se num primeiro momento parecia aos namorados estarem separados do mundo e constituírem uma nova unidade auto-suficiente, um mundo separado, depois, à medida que se conhecem e suas características emergem, adquirem sempre maior peso os dois mundos — muitas vezes diversos — dos quais os dois namorados provêm e que os fez assim como são.

Para poderem viver juntos eles devem pôr em discussão esses mundos, como quem desmonta tijolo por tijolo as casas de onde vêm, toma delas o melhor e o une ao novo que eles descobriram para construir a própria casa. Saberão eles lançar sólidos fundamentos e chegar à cumieira?

Deve haver um momento em que os dois decidem que os fundamentos existem e que se pode construir um ponto de onde não se pode retroceder e a partir do qual as vidas deles se unem. Durante todo o período precedente podiam decidir acabar o namoro a qualquer instante, mas, chegando à convicção de que o amor deles é para sempre, anunciam a todos, com uma promessa pública, que alguma coisa de novo nasceu no mundo e ocupa seu lugar. Dizer um ao outro “eu te amo” mudou a terra.

São sempre os mesmos namorados, agora também esposos, que, chegaram a uma doação total. Ultrapassado o ponto de não-retorno, pode acontecer aquela expressão de total doação que é o ato genital, o gesto típico dos esposos porque sinal de uma efetiva comunhão total. Como poderia isso ter acontecido antes? Deve haver uma proporção entre os gestos que os namorados realizam e a realidade que construíram. A união sexual é um acontecimento extraordinário para quem é namorado e não deve ser banalizada, mas situada no justo lugar em nossa história: “Dois namorados têm muita coisa para pôr em comum — sustenta Annamaria Zanzucchi —, mas ter relações sexuais durante o noivado acaba por dificultar o esclarecimento de todos os outros aspectos da relação entre pessoas que se amam e querem chegar a viver juntas. A sexualidade, que faz parte do namoro, deve acompanhar de maneira harmônica o crescimento e o conhecimento da pessoa completa”.

Além disso, com esse gesto pode-se ter um filho que tem necessidade de que os pais vivam juntos, e a convivência está além do ponto de não-retorno. Restaria a possibilidade de se recorrer aos meios contraceptivos que a sociedade oferece com facilidade. “Mas esses meios — explica Danilo Zanzucchi — eliminam o significado de procriação do amor que se exprime na relação sexual, destroem um valor e por isso são um erro, tomando por base a moral de uma pessoa que, amando, chegou a ser sexualmente madura. Seria um

absurdo reduzir à morte o conteúdo do amor justamente na sua expressão conjugal mais plena.”

A FERIDA

Um problema é que, muitas vezes, os namorados amadurecem o relacionamento deles até estarem prontos para casar, mas, por fatores sociais independentes da vontade deles, lhes faltam as condições materiais necessárias. Segundo Annamaria Zanzucchi, a sociedade gera nos jovens uma situação de contraste: “De um lado, através de uma forte erotização dos meios de comunicação de massa, os induz a manter precocemente relações sexuais, mas, de outro lado, impede que elas sejam verdadeiras e responsáveis porque põe obstáculos a um vínculo estável, já que não provê, na medida suficiente, casa e trabalho para os jovens. O forte estímulo social ao uso dos meios contraceptivos e abortivos serve, portanto, até para acobertar a incapacidade e a falta de vontade de resolver os problemas de verdade. Os métodos contraceptivos e abortivos constituem uma indústria e de modo algum levam para a mesa de discussões, como seria necessário, tudo aquilo que para os namorados se revela agora como errado na sociedade e em que, antes, não tinham pensado”.

Que fazer? É certamente possível dar-se por vencido e abaixar a cabeça. Aquela “coação à genitalidade”, que se revelara como um estímulo ao sexo consumístico, mostra-se agora como um impedimento à genitalidade para quem quer vivê-la como adulto, construindo algo novo conforme sua própria medida; é uma ferida que a sociedade infringe ao corpo dos namorados.

Mas, contrariamente a tudo isso, o tiro pode sair pela culatra, pode transformar-se em ocasião para que os casais se tornem socialmente inovadores exatamente a partir das exigências que a sociedade não ajuda a satisfazer e para as quais chega a opor obstáculos.

“E o que devem fazer dois jovens nessa situação?” — se pergunta Gianna Fumagalli. “Honestamente, acho que devem ter a força de continuar a reservar para a futura condição matrimonial a plena união sexual deles. Tenho visto na minha vida que este é o momento de se tornarem plenamente protagonistas do próprio projeto a dois e de se empenharem mais intensamente para a superação desses obstáculos externos. É o momento de construir com as próprias mãos e com a ajuda das pessoas que partilharam de nosso mundo todas as bases materiais do matrimônio. Nós fizemos essa experiência: vencer as dificuldades exteriores constrói também por den-

tro; sofrer juntos une e, portanto, satisfaz tanto quanto ter prazer juntos. Isso também é amor.”

“Deste modo — prossegue Alberto Friso — dá-se a dois jovens a ocasião de elevar o nível de sua aventura. Descobrem que não estão isolados, mas inseridos na sociedade, naquilo que ela oferece de positivo e de negativo, e que a ela têm a possibilidade de dar uma relevante contribuição pessoal, ainda que seja resolvendo um dos tantos problemas que a atrapalham: o deles mesmos. Percebem, assim, em sua própria carne o peso das dificuldades, adquirem a medida certa do que é justo e injusto na sociedade, do que existe e do que falta. Cada geração teve seus problemas, mas, também, soube encontrar força para superá-los.”

Esse discurso é exatamente o contrário do consumismo sexual e do desinteresse social que a ideologia dominante procura impor, e pode ser difícil entender sua lógica. Mas esses casais dizem que, fazendo assim, conservaram o pleno sabor do namoro. Não é fácil de pôr em prática, mas agir assim eleva a um alto grau o nível da vida.

DOIS JUNTOS

É melhor ter confiança em quem nos ama ou em quem não nos ama? Ouvindo o discurso, referido em um diálogo de Platão, que o maduro Lísia dirige ao jovem Fedro, é muito melhor confiar em quem não ama, porque é sábio e tem controle de si mesmo. Quem ama, por sua vez, saiu do sério: para Lísia amar é uma loucura que não traz vantagem alguma.¹

Pouco convencido, Fedro conta tudo a Sócrates e juntos recordam quanto testemunhavam os antigos sábios: a loucura que vem de Deus é superior ao juízo que vem dos homens.² Assim, de fato, Sócrates educa seus jovens amigos: quando um deles encontra a beleza e dela se enamora, desperta-se nele o sentido interior daquilo que é belo e ele aprende a procurá-lo pouco a pouco, mesmo além das belas aparências que o tinham atraído, inicialmente, para a pessoa amada.

Se o amor continua, esta viagem interior tem prosseguimento e leva os namorados a penetrar sempre mais na realidade das coisas que nem sempre se vêem, mas realmente existem. “Quem conhece esse deslumbramento divino — explica Sócrates — e ama a beleza é chamado amante.”³ Quem de fato dá essa loucura é Eros, o deus do amor, que acende no amante o desejo de encontrar uma beleza sempre nova. Assim sendo, quem ama conhece progressivamente níveis sempre mais profundos da realidade, porque todo o ser, diziam os antigos, está embebido do deus Eros, ou seja, da força unitiva do amor.⁴

1. Platão, *Fedro*, 231a-234c.

2. *Ib.* 244a; 244d.

3. *Ib.* 249d-e.

4. São muitos os testemunhos neste sentido sobre a figura do arquétipo Eros. A cosmogonia órfica apresenta Eros como Protogonos e Fanete,

O PERDÃO

Os esposos, portanto, continuam a se conhecer ao longo de toda a vida. Mas, no início da vida matrimonial, nos primeiros anos, esta aprendizagem recíproca é muito mais acentuada porque tem muito a ver com um trabalho de equacionamento.

Isto vale também para a realidade sexual. Há muito que aprender no conhecimento do outro, de sua corporeidade, de seu modo de doar-se... É preciso tempo para que os dois esposos harmonizem plenamente a própria intimidade sexual. Uma dificuldade pode nascer das expectativas equívocas com que os dois chegam à vida comum. A idéia, por exemplo, sugerida pela moda e pelo consumismo, de que a sexualidade seja um lugar de encontro fácil e idílico, convicção que a psicanálise contemporânea rejeita energeticamente.

O sexo, de fato, pertence à linguagem do corpo e, como toda a linguagem, encontra-se às voltas com a dificuldade de comunicar-se com autenticidade. Certamente é mais fácil uma troca sexual superficial que procura não pôr em jogo a interioridade de uma pessoa, exatamente como acontece quando se trocam poucas palavras de cortesia com os conhecidos. Mas tal uso superficial do sexo contrasta com o seu significado, com a sua tendência de envolver as pessoas profundamente.

A solução das dificuldades sexuais deve partir, portanto, de uma atitude igualmente profunda. Se a união sexual não dá logo a satisfação que se espera, o amor se exprime, entretanto, em todas as outras suas expressões e encoraja a procura do ajustamento sexual. Não quero debater a escolha profunda que fiz da pessoa simplesmente porque alguma coisa não funciona, mas me apóio nessa escolha para fazer funcionar o resto. Também neste campo se constrói um patrimônio juntos: aquilo que nós, esposos, sabemos, nenhuma outra pessoa nos poderia ensinar; nós o aprendemos um do outro.

que traz à luz os elementos e estimula à união (*Orphicorum fragmenta*, de O. Kern, 16 e 24; cf. M.-J. Lagrange, *Critique historique*. I. *Les Mystères: l'Orphisme*, Paris, 1937, p. 122); na teomaquia de Esiodo emerge a força ordenadora de Eros, que Untersteiner chama de "nomos latente" (M. Untersteiner, *La fisiologia del mito*, Florença, 1972, pp. 130-131); Proclo refere o pensamento de Ferecide, segundo o qual Eros "constituindo o mundo de contrários, o conduziu ao acordo e ao amor e que em todas as coisas colocou a identidade e a unidade que penetra por toda a parte" (I presocratici. Testimonianze e frammenti, Bari, 1975, 7 B 3).

"Creio que o amor é quem dá a real dimensão da genitalidade — diz Ângela Pozzi. O fato de amar nos coloca numa atitude de dom em relação ao outro, de interesse por ele, e isso nos torna mais responsáveis, mais adultos. Para a mulher, especialmente, significa sair de uma posição de subordinação e passividade no relacionamento geral com o marido, a qual pode se manifestar até no fato de suportar o sexo, em vez de vivê-lo. Quem ama o outro, pelo contrário, se responsabiliza, se encontra. Quem sabe fazer dom de si, dispõe de si, ou seja, é livre."

Chegar a ter uma sexualidade feliz pode contribuir muito para o conjunto da relação conjugal. Para expressar a sexualidade, os esposos não devem esperar que seu relacionamento seja perfeito e isento da menor sombra. Ao contrário, o encontro sexual, por tácito ou explícito acordo, pode ser um momento de perdão e de unidade reencontrada, o gesto que diz: te fiz mal, mas sei que ainda te posso pedir e dar amor. Perdoar é importante. Cesare Negrini, também ele um do nosso grupo de "peritos", nos tinha aconselhado a mim e a minha mulher, antes que nos casássemos: "Lembrem-se de se perdoar sempre, não deixem que um momento negativo passe sem perdão". Minha mulher, naturalmente, deu uma interpretação muito particular a esse conselho: toda vez que ela apronta alguma coisa, vem e me diz: "Te perdô".

AMOR E MORTE

O ato sexual feito com amor jamais deixa tudo como antes. O nosso "eu", muitas vezes, se encontra em uma instintiva posição de defesa; ergue, em relação aos outros, barreiras psicológicas construídas ao longo de toda uma existência para salvaguardar a própria identidade. Estes sistemas de defesa do eu tendem a se enfraquecer durante o encontro sexual, explicam os psicólogos Cláudio e Violetta Mina, provocando quase que um estado de "dissolução" do eu. Passada a emoção sexual, o eu reúne de novo as próprias defesas, que não se encerram de todo no confronto com o outro. Assim, com o tempo, o sexo pode trazer um fruto importante e "que consiste no perceber habitualmente o outro como uma parte de si, no sentir-se ligado por uma única realidade, em não ver no outro um estranho contra quem se deva assumir uma atitude de vigilância, mas como alguém a quem se pode entregar livremente e com confiança, no desejar realizar uma crescente união de sentimentos e de propósitos".⁵

5. C. e V. Mina, op. cit., pp. 78-79.

A experiência da "fusão" com o outro, do ser acolhido por alguma coisa maior, traz à tona o sentido da morte que está sempre presente em nosso ser mais profundo e que se revela especialmente no sexo. Se os homens se reproduzem através do sexo é porque, mais cedo ou mais tarde, morrem; e do ponto de vista da espécie que tende para a sobrevivência, parece indiferente a dimensão individual, a personalidade daqueles que se unem para gerar. O sexo, enfim, esteja eu consciente disso ou não, lembra-me que esta minha vida física terminará e que a minha convicção de ser único e não-repetível parece não contar no plano da reprodução. O sexo, concluía o psicanalista Otto Rank ao refletir sobre estes elementos, evoca, desse modo, todas as grandes perguntas de nossa condição existencial, o "quem sou?", o "aonde vou?"...⁶

Isto explica, concluímos, a melancolia e tristeza ou a intensa alegria que acompanha a sexualidade, dependendo da resposta que a ela se dá. "Sinto que no amor se 'morre' sempre — conta Annamaria Zanzucchi —, mas é uma morte alegre, um morrer na vida, um morrer vivendo no outro e, porque vives no outro, és. No relacionamento entre os cônjuges há um entrelaçamento do amor de um pelo outro, amor que é acolher e deixar-se acolher. A efusão do amor é tal que não percebes mais o momento em que dás e o momento em que recibes. Esta dinâmica tem dentro de si o aspecto do sofrimento e da morte, mas não considero isso como um sofrimento negativo, e sim como positivo: é a criação de um relacionamento."

"Com a relação conjugal — intervém Gianna Fumagalli — senti que não me pertencia mais: havia uma disponibilidade nova, uma profundidade especial de amor pelo outro, da qual fazia parte também a maternidade; era um amor que consumia. Era um apagar-me, um não dispor mais de mim porque um *dom*... , portanto, em certo sentido, uma 'morte'; mas não era uma coisa negativa, era vida." E Anna Friso: "Quando se começa a entender a dinâmica do amor, ou seja, do existir como *dom*, e de se compreender a possibilidade de 'anular-se' no amor, é então que se descobre realmente o que é a plenitude do relacionamento sexual, justamente através desse 'aniquilamento': um *dom* do amor".

É amando que se supera o drama existencial revivido pelo sexo: para quem consegue doar-se, o amor é realmente mais forte que a morte.

6. O. Rank, *Modern Education: A Critique of its Fundamental Ideas*, Nova Iorque, 1968, p. 44.

A CABANA E O UNIVERSO

Esta característica do amor não está isolada dos outros momentos da vida conjugal. "A comunhão sexual — sustenta Alberto Friso — se une a um conjunto de fatos, o antes e o depois, que é a vida inteira dos esposos, infinitos momentos nos quais, de outros modos, o amor deve realizar a comunhão deles. Quando decidimos ter o quarto filho, por exemplo, estava bem claro para mim que, como para os outros, eu teria problemas e cortaria uma outra fatia de mim: estudos, interesses, repouso. Mas, ao mesmo tempo, dando vida a uma criatura, nos sentiríamos diante de um acontecimento maior que nós. Também com esse filho sentia que participava da criação; era o significado do amor: morrer para gerar."

"Não tivemos — explica Anna Friso — um patrimônio para administrar comodamente; vimos sempre a vida como um compromisso, uma batalha; e a confiança, a esperança vieram sempre de nossa comunhão de pessoas. Esta experiência de comunhão nos habitua a abrir-nos aos outros: os filhos que chegam, mas também o mundo no qual vivemos." "O desejo de unidade — retoma Alberto —, exatamente porque é completo, faz sentir e experimentar que dessa união parte alguma coisa, ou seja, que a aventura continua, não só no aprofundamento recíproco, mas na abertura dos dois para com a realidade. Às vezes, parece que se constrói a casa para se estar junto no sentido 'fechado' de dois corações e uma cabana; e, ao contrário, o amor entre pessoas alarga continuamente as paredes e a cabana se torna um universo."

É o velho ensinamento do Eros grego: o amor entre os esposos pode levar a percorrer todo o sér, descobrindo cada dia novas faces da vida. Mas isto se realiza se o amor entre os dois for de fato uma doação. Na verdade, o caminhar juntos, o crescimento, não são indolores, mas encontram momentos assinalados pelo sofrimento que os próprios namorados podem se causar e pelo que vem de fora, das dificuldades econômicas e sociais, das doenças.

Diante de tudo isso, muitos esposos, com o tempo, desfalecem, como acontece, por exemplo, com o que talvez injustamente é chamado de "casal romântico". Cada um dos dois imaginou o outro como um ideal, uma imagem de perfeição intangível e separada do mundo da qual cada um não se sente senão um reflexo. Cada um dos dois tem a impressão de estar saciado e acredita realizar-se nessa perfeição inexistente atribuída à amada ou ao amado. Mas, com o tempo, ela, por exemplo, pode perder a beleza, pode mostrar-se inadequada à missão de satisfação pessoal a que o amado interiormente a destinava. Enfim, a realidade sai ganhando e o ídolo cai

do pedestal. Então, ele tem a tendência de rejeitá-la e a abandona porque o que realmente está em seu coração é a imagem de si mesmo que ela refletia e que agora está despedaçada. Não houvera uma aceitação real um do outro, apenas um uso recíproco para poder interpretar uma parte agradável, para construírem juntos uma imagem encorajante.

Mas há ainda outras dificuldades. O tempo, por exemplo, muda a pessoa e a torna diferente daquela de quem se ficou enamorado. Mas de quem, na realidade, se ficou enamorado? O amor deve conseguir captar a realidade íntima de uma pessoa e a sua essência que com o tempo se expressará, ainda que sob forma antes desconhecida. A realidade de uma pessoa, escreve Victor Frankl, "é a realidade de um possível que o amor consegue ver".⁷

Para amar uma pessoa é necessário saber que ela guarda um segredo por ela mesma ignorado. Amá-la significa aceitá-la enquanto *mistério*.

O LABIRINTO

A experiência da vida de cada dia, de qualquer pessoa, nos diz que é normal enfrentar sacrifícios por amor, ainda que pesados, e até situações desesperadoras.

E de onde vem essa força? Pode parecer estranho, porque é uma força muito difusa, mas seu nome certo é "heroísmo".

A noção de heroísmo atravessa toda a história da humanidade; todos os países do mundo recordam o próprio herói que dá testemunho do valor nacional. As pessoas desta terra — pretende um monumento dizer ao viajante apressado — são capazes, se preciso, de enfrentar qualquer situação. Canções e baladas de todos os tempos contam a necessidade popular de transformar em herói o autor, talvez casual, de um ato corajoso. A idéia de heroísmo, enfim, não deve ser atribuída apenas a algumas personalidades excepcionais, mas, de algum modo, é cultivada por todo o mundo, aprofunda as raízes no sentido positivo do próprio valor que faz cada um sentir, na profundidade de si mesmo, "o desejo de sobressair, de ser *único* no mundo". Resumindo o resultado de vários estudos

7. Isto comporta uma real transcendência de si que o amor consegue atuar; v. V. E. Frankl, *The Will to Meaning*, Nova Iorque, 1969, trad. it. *Fondamenti e applicazioni della logoterapia*, Turim, 1977, pp. 247-40; *The Unheard Cry for meaning*, Nova Iorque, 1978, trad. it. *Un significato per l'esistenza*, Roma, 1938, pp. 65-86.

sobre o assunto, Ernest Becker, em seu livro *Il rifiuto della morte*, sustenta que "pulsas, dolorosamente, dentro de nosso ser profundo a aspiração a ser alguma coisa de importância *única* no cosmo, ainda que tal aspiração esteja oculta por trás de interesses de menor pretensão".⁸

O narcisismo, que alimenta o nosso senso de heroísmo, contém, de fato, um aspecto negativo, que é a tendência de nos impor de modo incondicional, de ser cheios de nós mesmos, o que é uma atitude típica da sexualidade infantil. Mas há também o aspecto nobre: a grande consideração que o homem tem de si mesmo o estimula a consumir-se, a doar-se por qualquer coisa que valha a pena.

Mas existe alguma coisa pela qual valha a pena perder a vida? Quem se faz esta pergunta já está fora da lógica do consumismo e está no caminho de uma sexualidade adulta, capaz de doar. Talvez possa vir mais uma vez dos antigos a indicação.

Formoso como um deus, Teseu é o herói que acompanha a Cnosos, capital de Creta, os jovens atenienses, sete rapazes e sete moças, que deviam ser sacrificados ao Minotauro a cada sete anos. Este monstro, homem com cabeça de touro, é o guarda do Labirinto, escuro reino subterrâneo, forma primitiva dos Infernos, de onde não é possível regressar.

Ariadne, a filha do rei de Creta, se enamora do herói e lhe fornece o fio para que possa sair do Labirinto. Teseu penetra no escuro, mata o Minotauro e recolhendo o fio que ao entrar fora desenrolando, encontra a saída. É o amor de Ariadne que permite a Teseu vencer as trevas com uma luz que sozinho jamais teria tido; é o amor que lhe permite ser herói, enfrentando a parte escura da existência. Este mito nos diz que nos momentos mais difíceis da vida, quando não há luz e quando parecemos estar à mercê de forças superiores às nossas, o amor nos dá um fio para seguir, permite-nos mover-nos no escuro, mesmo sem saber onde nos levará o passo seguinte, mas na certeza de que se não se abandona o fio do amor, avança-se para a solução do problema, para a luz.

Mas para se encontrar a luz, nos ensina Teseu, é necessário enfrentar o risco de pôr a própria vida nas mãos do outro. Só assim conseguiremos vencer o Minotauro que está dentro de nós.

8. E. Becker, *The Denial of Death*, Nova Iorque, 1973, trad. it. *Il rifiuto della morte*, Roma, 1982, p. 17.

Essa é uma forma radical de heroísmo, um heroísmo para ser vivido em comum para alcançar a luz na aventura humana. Em meio a qualquer dificuldade, o amor recíproco, aquele que sabe dar a vida, continuará a traçar um caminho; quando um homem e uma mulher se amam, o Labirinto se ilumina.

A ÁGUA E O VINHO

Comer juntos para celebrar deve ser algo inscrito no coração dos homens, porque é uma imagem que se torna viva nos momentos mais importantes das grandes culturas tradicionais.

Os gregos, por exemplo, imaginavam um banquete no início dos tempos que reunia com plena harmonia deuses e homens. Também entre os hebreus houve quem profetizasse um banquete, desta vez no final dos tempos, no qual todos os homens festejariam com abundância de alimento e de excelentes vinhos a vitória sobre o mal e sobre a morte.⁹

Também nas origens da tradição cristã o banquete é uma imagem central, com as características, porém, de um banquete nupcial. Várias vezes, por exemplo, Jesus compara o Reino dos céus a um banquete no qual os convidados são os eleitos, cheios de alegria em volta dos esposos.¹⁰

O vinho tem, talvez, um grande valor simbólico em tais imagens, querendo significar a abundância dos bens, a plenitude do amor e a confiança no outro que permite o entregar-se serenamente à festa. Em Cristo, sem dúvida, ele se torna o sangue derramado, sinal de quem se doa às pessoas que ama.

O vinho, enfim, traz à mente tantas realidades das profundezas do homem; por isso nos assustamos quando acontece na nossa vida, como nas bodas de Caná, que os esposos "não têm mais vinho". Ficou somente a água; pode-se prosseguir, mas não é mais uma festa.¹¹

Em Caná, como se sabe, tudo terminou bem. E ainda hoje há experiências que mostram o fim do vinho, mas também a repetição do milagre daquelas longínquas núpcias na Galiléia. "Quando me casei — conta Alberto Friso — sabia que me casava para amar,

9. Veja-se, por exemplo, para os Gregos, a décima *Ode Pítica* de Píndaro; para os Hebreus, Is 25,6.

10. Mt 8,11; 22,1.

11. Jo 2,1-12.

para continuar a amar. É verdade que me colocava junto com outra pessoa com quem era convidativo amar, mas desejava também dar-me, oferecer certas possibilidades a mais além das que teria se não me tivesse casado, sob o ponto de vista econômico, cultural, das amizades... Porque com Anna eu me dava a uma realidade, a um dever que eu sentia muito maior. Depois de todos estes anos, devo dizer que não me enganei, que se posso falar de amor é porque tive um relacionamento com ela. É verdade, porém, que este amor foi mantido e fortalecido pelo fato de que a certa altura de nossa vida descobrimos a fonte daquele amor..."

"Sentimos — prossegue Anna — através do testemunho que nos davam alguns cristãos, que o amor vem de Deus e que amar como Deus ama era algo incomparavelmente maior do que o amor que conhecíamos. Aprendemos a ver o amor até mesmo nos aspectos escuros e dolorosos da vida, porque Deus, encarnando-se, os assumiu. Parece que estas palavras não contêm nada de novo, mas pense no que elas significam quando se dá conta de que não sabe amar e por isso seu matrimônio vacila, quando se dá conta de que é aquele dom que gostaria de ser, ou que o seu desejo de amor é muito maior do que o que recebe; então, cada pequena falha do dia-a-dia parece um punhado de areia que vai cobrindo pouco a pouco o seu ideal luminoso. Mas, ao contrário, crer no amor de Deus lhe ensina que por trás de cada ponto escuro há uma luz e que toda dificuldade esconde uma solução. Tenho vontade de dizer que seria triste se tudo fosse fácil, e, em vez disso, quando volta a luz depois do obscurecimento, quando a solução chega depois que você sofreu para encontrá-la, então a alegria é plena e profunda porque você a pagou com alguma coisa sua."

"E depois de certo tempo — retoma Alberto — você entende a lógica do amor e o seu coração canta, mesmo quando em dificuldade porque não a vê mais como um fim negativo em si mesmo, mas como o meio para se amar mais e como pelo qual conhecerá um novo rosto seu e dela."

Os dois, enfim, percebem logo, se estiverem dispostos a se doar, que os horizontes do amor são muito mais vastos que os que se descortinavam do romântico laguninho do início. O amor do início parece não ser suficiente em certos momentos intensos e difíceis, como na dor, na doença e na morte. Quem poderá explicar coisas assim?

Entre as diversas imagens que tentam uma explicação, a de Cristo é particularmente rica. Até mesmo aos olhos de quem não crê, mas estuda a sua experiência, Ele aparece como um homem que

passou por todas as possibilidades de doação até o aniquilamento; Ele conheceu a festa, a luz e a saúde, mas também a rejeição, a traição, o abandono, a pergunta sem resposta. Se sua história terminasse com a morte, Jesus seria o modelo de tudo aquilo que se extingue.¹²

Algumas experiências dos esposos mostram que aquele que ama depois do aniquilamento conhece o renascimento, de modo semelhante à semente que murcha e morre para dar vida a uma planta. O modelo de Cristo que morre e ressuscita talvez diga alguma coisa que está no coração da realidade.

O CHAMADO

“Para nós — conta Nedo Pozzi — foi assim: depois de dois anos de casamento, estávamos já fechados diante de uma parede; tínhamos necessidade de coisas sem limites e, em vez disso, nos sentíamos fechados num relacionamento estreito porque ninguém nos tinha ensinado a amar. Estávamos, por isso, projetando separar-nos. Conheci depois pessoas que amavam como jamais eu vira; e isso me abriu os olhos, me fez ver que até a natureza é regulada por uma lei de amor na qual tudo é dom, tudo é viver e morrer pelo outro. De minha parte procurei amar deste modo; colocar-me a serviço de Ângela, esquecendo-me de mim mesmo, sem esperar retribuição; foi o bastante, com o tempo, para que também ela fizesse a mesma descoberta. Isto me parecia o Amor com A maiúsculo e também com a minúsculo, porque o amor é um só, tem uma só raiz, Deus. Deus me chamava e isso me desconcertava. Que devo fazer? perguntava-me; o reflorescer do matrimônio, um matrimônio que Deus me devolvia renovado me parecia ser a resposta; aquela era a minha tarefa: ser dom para Ângela e para os filhos.”

E Ângela: “Também eu entendi essas coisas, através da experiência de Nedo, não imediatamente, mas numa luta interior que durou dez anos. Recomeçar tudo de novo, como fizemos nós, não é algo que acontece uma vez por todas, mas é uma exigência constante. Se você se lançar nessa aventura do amor, os seus olhos se aguçam com o tempo, a sua humanidade se revela sempre mais cruelmente naquilo que é, na sua riqueza, mas também, de modo particular, nos seus limites. Em certos momentos, você vê tudo quanto de não-amor existe no seu ser; e é justamente nessa situação que se pode efetuar

12. G. Rossé, *Il grido di Gesù in croce, una panoramica esegetica e teologica*, Roma, 1984.

a experiência da semente: ofereça a água que é, e se o outro fizer o mesmo, é o amor recíproco que a transforma em vinho”.

“Quando eu tinha vinte anos — recorda Anna Friso — estava consciente de me encontrar na plenitude de nosso amor. Se me tivessem dito que aquilo era pouco em comparação com o que viria a viver vinte anos depois eu não teria acreditado, ainda que a idéia de um amor que se torna sempre maior me tivesse cativado. Mas hoje posso dizer que aquela idéia é de fato totalmente verdadeira.”

Esses casais, portanto, depois de tantos anos, são ainda namorados, não porque permaneceram presos àquilo que provavam no início e que a vida, como se sabe, normalmente deixa para trás, mas porque se reenamoraram, seguindo até o fim o mistério desconcertante da morte e ressurreição que a vida, dia a dia, nos propõe. Morte e ressurreição: para quem crê e para quem não crê são estas as categorias que a nossa civilização gerou para compreender a vida.

Neste sentido, paradoxalmente, o cristianismo se torna o que de mais racional existe para os namorados, pois se fundamenta na loucura que eles conhecem bem, ou seja, crer que o amor é mais forte que a morte. Quem ama, dizia Lísia ao jovem Fedro, já tem essa loucura, isto é, tem a sua fé. O cristianismo assume plenamente e com consciência a fé e a esperança que existe em todos os que amam. Aceitar que o amor seja mais forte que a morte certamente parece impossível. Mas os namorados são famosos porque negam a evidência: vêm outra coisa. Mais ainda, quem já viu um filho nascer sabe que, também neste mundo, tudo é possível.

UM CAMINHO PARA DOIS

A transformação da água em vinho já começa a mostrar o que é o matrimônio dos cristãos. Estão casados como todos os outros, mas “no Senhor”. Paulo, aliás, tinha dito que o amor dos esposos é o mesmo de Cristo e para falar disso se serve de um termo grego, *agàpe*, que indica o amor do cristão, o amor sagrado tirado diretamente da fonte. O amor conjugal não se reduz à amizade, ou ao desejo,¹³ ainda que os contenha. Para descrever o dom de si ao qual os esposos são chamados é preciso olhar para o dom de si

13. Veja-se a análise léxica de “amor” no Novo Testamento por parte de N. M. Loss, *Il tema biblico del matrimonio, em Realtà e valori del sacramento del matrimonio* (Encontro de Atualização. Roma, Faculdade de teologia da Pontifícia Universidade Salesiana, 1-4 de novembro de 1975), pp. 3-63.

realizado por Cristo e beber as palavras desse abismo. Paulo exclamava: "Este mistério é sublime".¹⁴

Esse "mistério sublime", que é a própria vida de Deus, comunica-se aos esposos, com o passar do tempo, através dos momentos próprios da vida conjugal. "Recordo-me muito bem — diz Gianna Fumagalli — do dia em que me casei. Sentia muito forte, dentro de mim, a presença de Deus; havia um colóquio no qual eu dizia o meu sim pessoal a Ele. Era lindo aquele dia que eu, enamorada, tinha esperado tanto. Casava-me com Carlo, que eu amava profundamente, mas não confundia as duas coisas: dizendo sim a Carlo, dizia também um sim a Jesus, que nos 'compreendia' a ambos.

Salto, agora, para mais ou menos dez anos depois. É noite e estou para entrar na igreja, num período muito belo para mim e para minha família. É a alegria de dar, de viver, de ser útil. Paro por um momento na porta e percebo que estou entrando 'rica' na igreja, cheia de tantas coisas, todas lindas, que eu considerava dons de Deus. 'Doa tudo a Jesus', disse para mim mesma. Não confundas os dons com Aquele que doa e que é mais importante. E, assim, me senti mais livre, mais perto de Deus, mais capaz de amar os meus.

Terceiro momento. Passa o tempo e estou numa situação muito difícil, na qual pareço não ser útil a ninguém. É um daqueles momentos nos quais você não pode se dar e sente que fere o outro, cutucando a ferida, em vez de ajudar. É um momento de não-relacionamento, de profunda solidão. Contudo, justamente aí, percebo pouco a pouco aflorar no coração a descoberta de um amor maior que vai além. Era uma medida de amor antes desconhecida, talvez fosse um amor ancorado no eterno."

SABOR DE ETERNO

Este desejo de eternidade, que se realiza à medida que se adere ao amor, é natural no homem. Manifesta-se também no início, entre um homem e uma mulher. Os namorados percebem dentro de si o sentido do eterno, sentem que o seu "sim" é para sempre porque é um "sim" ao amor. O vínculo matrimonial passa, mas o amor que ele suscitou e que o transcende não passa.

14. Ef 5,21-33. Cf. o comentário de H. Schiler, *Lettera agli Efesini*, trad. it., Brescia, 1965, pp. 307-346; e o tratado de M. J. Scheeben, *Die Mysterien des Christentums*, trad. ita. *I misteri del cristianesimo*, Brescia, 1960, pp. 584-604.

É o que emerge claramente do que dizem os casais cristãos: o sim é dito ao esposo ou à esposa, mas simultaneamente a Deus, e é definitivo porque constitui a adesão ao projeto de Deus sobre a pessoa que o pronuncia, projeto que se cumpre no estado matrimonial.

SUMARIO

"Se o amor entre os esposos — diz Danilo Zonzucchi — chega à altura de Jesus, isto é, de dar a vida, então existe entre os esposos a presença de Jesus, como ele mesmo prometeu. E dar a vida, dia a dia, é exatamente aquilo que o vínculo conjugal naturalmente exige de mil modos. Viver na presença de Cristo pode ser, portanto, a condição 'natural' de dois esposos cristãos."

"Natural" porque para os cristãos a natureza foi restaurada pelo dom de si realizado por Cristo; reviver cada dia, reciprocamente, este dom, em todos os pequenos e grandes momentos do amor conjugal, faz do matrimônio cristão um sinal de Redenção: lugar de felicidade que antecipa e anuncia o mundo conciliado e unido que todos os namorados, no início da aventura deles, já sentem existir. Todo matrimônio, portanto, pode-se tornar como o jardim do *Cântico dos Cânticos*, onde resplandeciam juntas flores que não poderiam crescer sobre a mesma terra.

Este amor entre os esposos, Jesus no meio deles, estabelece o homem e a mulher, e os filhos que deles nascem na dimensão a que cada um aspira. Se o amor entre os dois não pudesse acolher a presença de Deus e, portanto, realizar-se plenamente, deveríamos concluir que o homem e a mulher são infelizes, pois desejam espontaneamente muito mais do que a vida lhes pode dar e a grande promessa dos namorados talvez não pudesse jamais ser mantida.

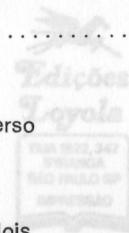
Mas nos esposos felizes ao nosso redor, vê-se que o Amor está presente entre eles. Deus mantém o que o homem promete, como o pai que ajuda a criança a saltar para fazê-la atingir o que sozinha jamais conseguiria tocar. Quem ama tem Deus a seu lado, mesmo que não saiba disso, como os esposos de Caná que, durante todo o banquete, talvez, não tenham descoberto de onde tinha vindo aquele vinho tão bom. A água sempre se transforma em vinho em uma casa cheia deste amor.

DOIS JUNTOS 55

O perdão
Amor e morte
A cabana e o universo
O labirinto
A água e o vinho
O chamado
Um caminho para dois
Sabor de eterno

SUMÁRIO

PREMISSA	5
O SEXO TRAÍDO	9
Para você que é bela	
Por trás do espelho	
O homem e a imagem	
Chega a pílula	
Adeus, pudor	
Sexo e amor	
O AMANTE DE PAPEL	23
Vovô Sade	
Nas bancas	
Os plágios	
Busca de sentido	
Os olhos sujos	
Morda e fuja	
Você e eu	
O AMOR É... ..	39
A hipótese	
Amores antigos	
Feita para mim	
A volta	
Os olhos tristes	
Sexualidade adulta	
O coração pleno	
Unidos para criar	
A ferida	
DOIS JUNTOS	55
O perdão	
Amor e morte	
A cabana e o universo	
O labirinto	
A água e o vinho	
O chamado	
Um caminho para dois	
Sabor de eterno	



Mas nos esposos felizes ao nosso redor, vê-se que o amor está pre- sente entre eles. Deus mantém o que o homem promete, como o pai que ajuda a criança a saltar para fazer a caminhada que sózinha jamais conseguiria tocar. Quem ama tem Deus a seu lado, mesmo que não saiba disso, como os esposos de Cana que durante todo o banquete tiveram não apenas o amor, mas também a presença de Jesus. A água sempre se transforma em vinho em uma casa cheia de amor. O vínculo matrimonial passa, mas o amor que suscita e que o transcende não passa.

14. El 521-38/Cl. é comentário de H. Schlier, *Lettera agli Ebrei*, trad. It., Brescia, 1995, pp. 307-348; e o tratado de M. J. Scheeben, *Die Mysterei des Christentums*, trad. It. *I misteri del cristianesimo*, Brescia, 1990, pp. 584-604.

SUMARIO

PREMISSA 5

O SEXO TRAÍDO 8

Sexo e amor
Adeus, pudor
Chega a pilula
O homem e a imagem
Por trás do espelho
Para você que é bela

O AMANTE DE PAPEL 23

Você e eu
Morda e tuja
Os olhos sujos
Busca de sentido
Os piégoes
Nas bancas
Você sabe

O AMOR É 38

A férida
Unidos para chorar
O coração pleno
Sexualidade adulta
Os olhos tristes
A volta
Falta para mim
Amores antigos
A hipólise

DOIS JUNTOS 52

Sabor de eterno
Um caminho para dois
O chamado
A água e o vinho
O labirinto
A capana e o universo
Amor e morte
O perdão

